

PLACAR

AS MAIORES TORCIDAS DO BRASIL

SÃO PAULO



S.P.F.

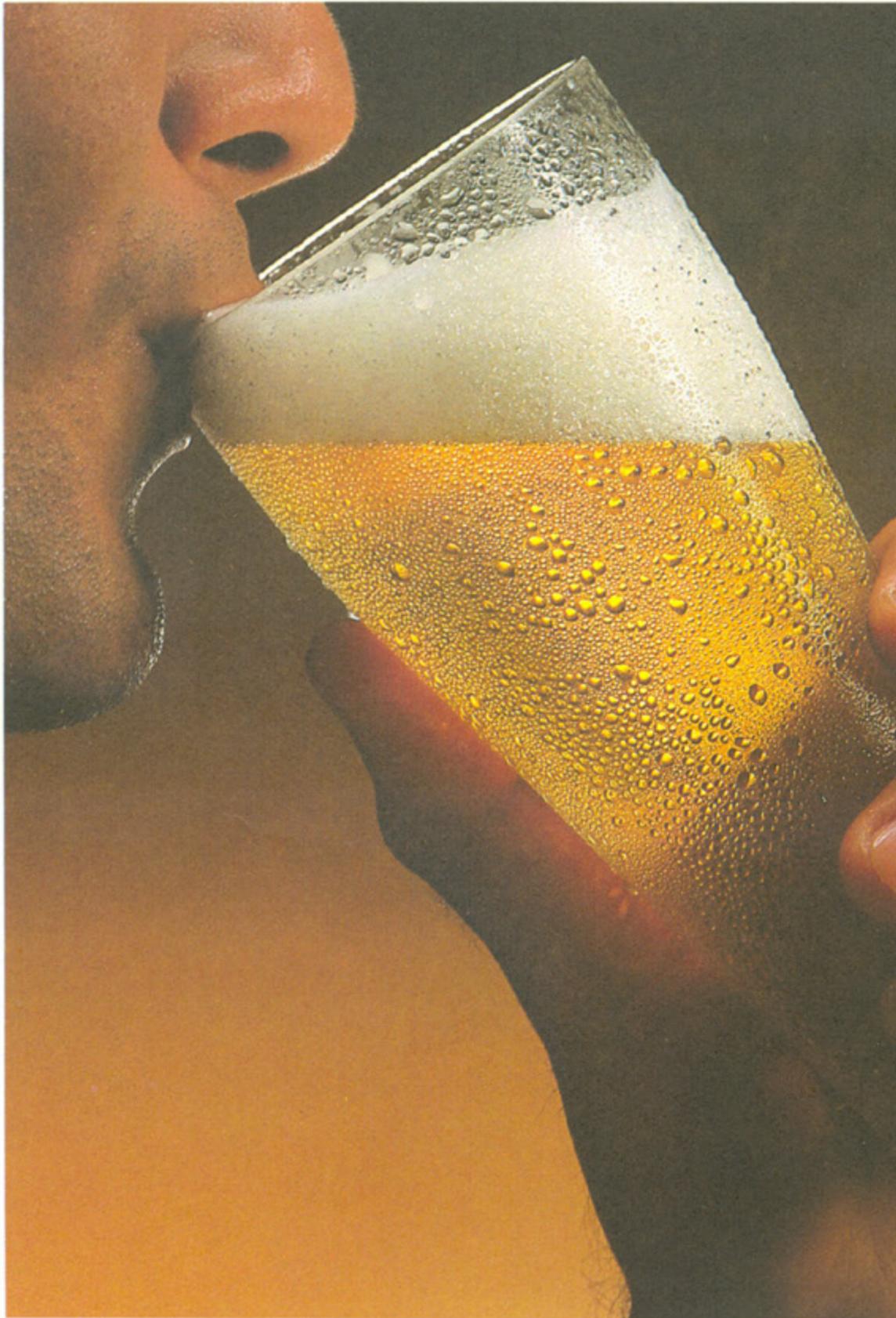
EXTRA

SUPERPOSTER:
O TIME DE TODOS
OS TEMPOS

DISCO COM
O HINO DO CLUBE

ADESIVO PARA
CARRO E BOTÕES

Está na boca de todos:



**Cerveja
Brahma Chopp,
melhor que nunca.**



A ÚLTIMA CONQUISTA

E O SÃO PAULO MATOU A PONTE

*No primeiro jogo das finais, 1 x 1 e um susto.
Escaldada, a equipe massacrrou no segundo:
2 x 0, um show e o título de bicampeão paulista*



A Máquina Tricolor em ação: na hora do aperto, a garra substitui o requinte

A ÚLTIMA CONQUISTA



O time campeão: um elenco caro, de craques, provando que o investimento compensara

Serginho e Mário Sérgio saíam do estádio bicampeão. Não importava o adversário.

Não deu outra. O São Paulo dominou praticamente toda a partida, sob o comando do mestre Mário Sérgio. Aos 37 minutos do primeiro tempo, Renato fez o primeiro gol. E, quase no final do jogo, quando a Ponte tentava desesperadamente o empate, Serginho recebeu um lançamento de Mário Sérgio, deu um chapéu no goleiro Carlos e, com um leve toque, mandou a bola para o fundo da rede. São Paulo 2 x Ponte Preta 0.

"A vitória do São Paulo salvou o futebol brasileiro", dizia depois da partida o diretor de futebol do clube, Fernando Casal de Rey, confirmando sua teoria de que os investimentos maciços no futebol traziam um retorno líquido e certo ao clube.

De fato, ao investir no futebol vistoso e eficiente de Marinho, Mário Sérgio e Paulo César, o São Paulo fez desfilar em campo uma equipe que deliciava a torcida. E a "ousadia" do tricolor acabou fazendo com que o título de bicampeão paulista chegasse naturalmente ao Estádio do Morumbi.

"Só não chamem nosso time de Máquina", pedia Mário Sérgio, esticado numa cadeira dentro do vestiário, logo depois do jogo. "Máquinas não têm coração. E o São Paulo conseguiu este título porque colocou o coração nos pés."

Em outro canto, Serginho dizia: "Eu sei que não joguei bem. Mas artilheiro não tem de jogar bem. Tem é de fazer gols. E eu fiz o meu, justamente o que fechou o título para nós". □

INSTITUTO

cursos rápidos !

DESENHO ARTÍSTICO E PUBLICITÁRIO

CORTE E COSTURA
(PARA A FORMAÇÃO DE MODISTAS)

SUPLETIVO DE 1º GRAU

BORDADO TRICÔ E CROCHÊ

SUPLETIVO DE 2º GRAU

AUXILIAR DE ENFERMAGEM

REFRIGERAÇÃO E AR CONDICIONADO

DESENHO ARQUITETÔNICO
(Desenho de Plantas para Construções)

TORNEIRO MECÂNICO

DESENHO DE MECÂNICA

MECÂNICA DE AUTOMÓVEIS

ELETRICIDADE DE AUTOMÓVEIS

MECÂNICA GERAL

SECRETARIADO MODERNO

AUXILIAR DE ESCRITÓRIO

PORTUGUÊS (1º e 2º Graus)

AUXILIAR EM ADMINISTRAÇÃO DE EMPRESAS

ELETRICIDADE

CONTABILIDADE PRÁTICA
(ASSISTENTE DE CONTADOR)

INGLÊS

MATEMÁTICA (1º e 2º Graus)

e mais dois novos lançamentos:
FOTOGRAFIA e CINEMA SUPER 8

UNIVERSAL BRASILEIRO

A maior e mais perfeita organização de ensino por correspondência do país !

Nossa escola atinge, com rapidez e eficiência, todos os pontos do território brasileiro, ministrando, através de professores altamente especializados, um ensino minucioso e objetivo, de resultados práticos imediatos.

Afinal são 45 anos de experiência !

Matricule-se com urgência e receba as lições do curso escolhido, bem como todo o material necessário gratuitamente.

MENSALIDADES AO ALCANCE DE TODOS.



**CURSO DE
RADIOTÉCNICO
TRANSISTORES
TELEVISÃO
PRETO E BRANCO E A CORES**



GRÁTIS MATERIAL COMPLETO

Matriz: Av. Rio Branco, 781 - Caixa Postal 5058 - São Paulo - CEP 01000

Filial Rio de Janeiro: Rua Riachuelo, 159 (Próximo aos Arcos da Lapa)

MANDE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.

PL / P 13 **INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO**
Av. Rio Branco, 781 - Cx. Postal 5058 - São Paulo - CEP 01000

Senhor Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de

(INDICAR O CURSO DESEJADO) _____ por correspondência.

Nome _____

Rua _____ N.º _____

CEP _____ Bairro _____ Cx. Postal _____

Cidade _____ Estado _____

ESTE CUPOM É SEU

MANDE O CUPOM ABAIXO OU ESCREVA-NOS HOJE MESMO.

PL / P 13 **INSTITUTO UNIVERSAL BRASILEIRO**
Av. Rio Branco, 781 - Cx. Postal 5058 - São Paulo - CEP 01000

Senhor Diretor: Peço enviar-me GRÁTIS o folheto completo sobre o curso de

(INDICAR O CURSO DESEJADO) _____ por correspondência.

Nome _____

Rua _____ N.º _____

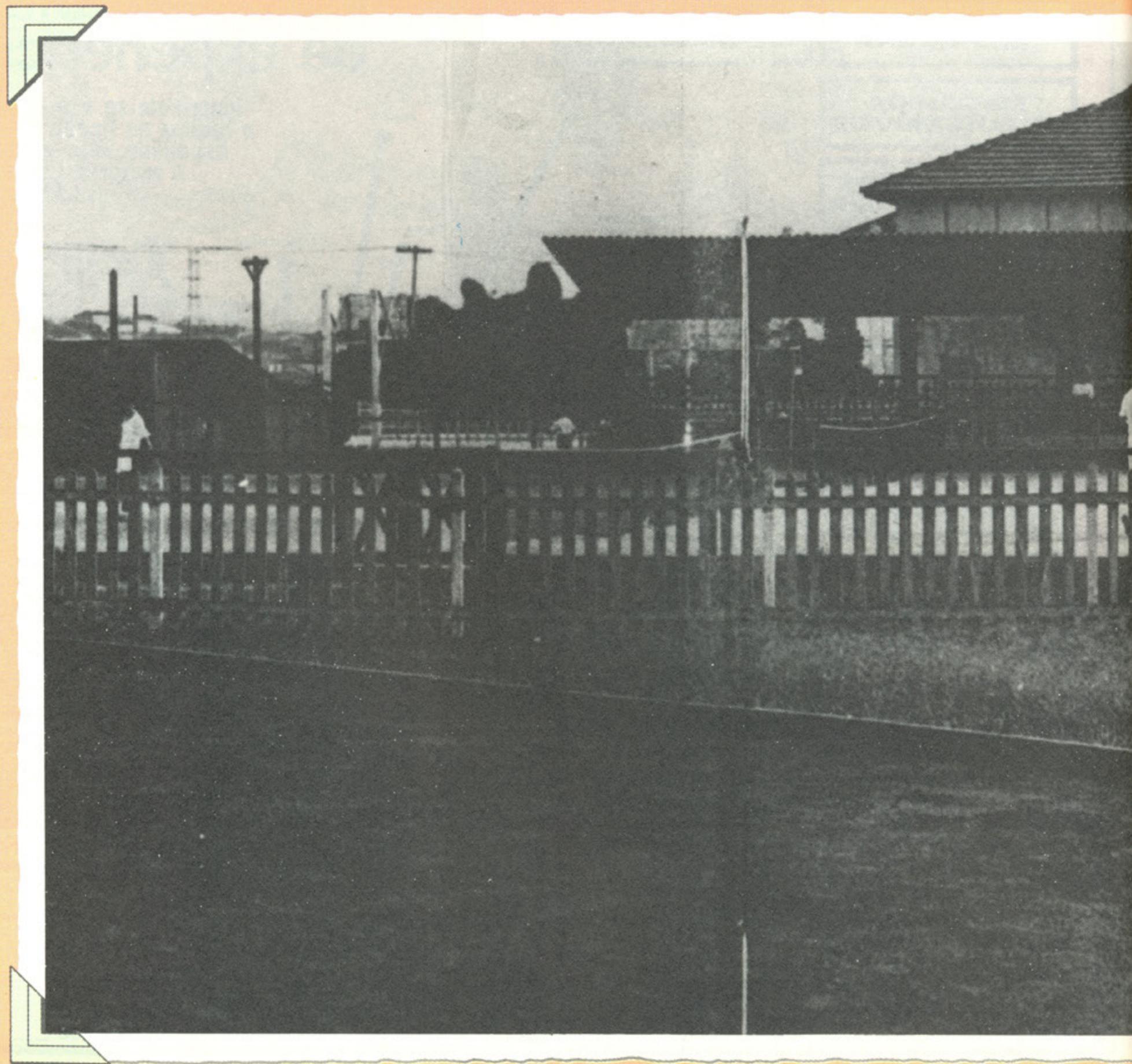
CEP _____ Bairro _____ Cx. Postal _____

Cidade _____ Estado _____

ESTE É PARA SEU AMIGO

ASSIM NASCEU O CLUBE DA FÉ

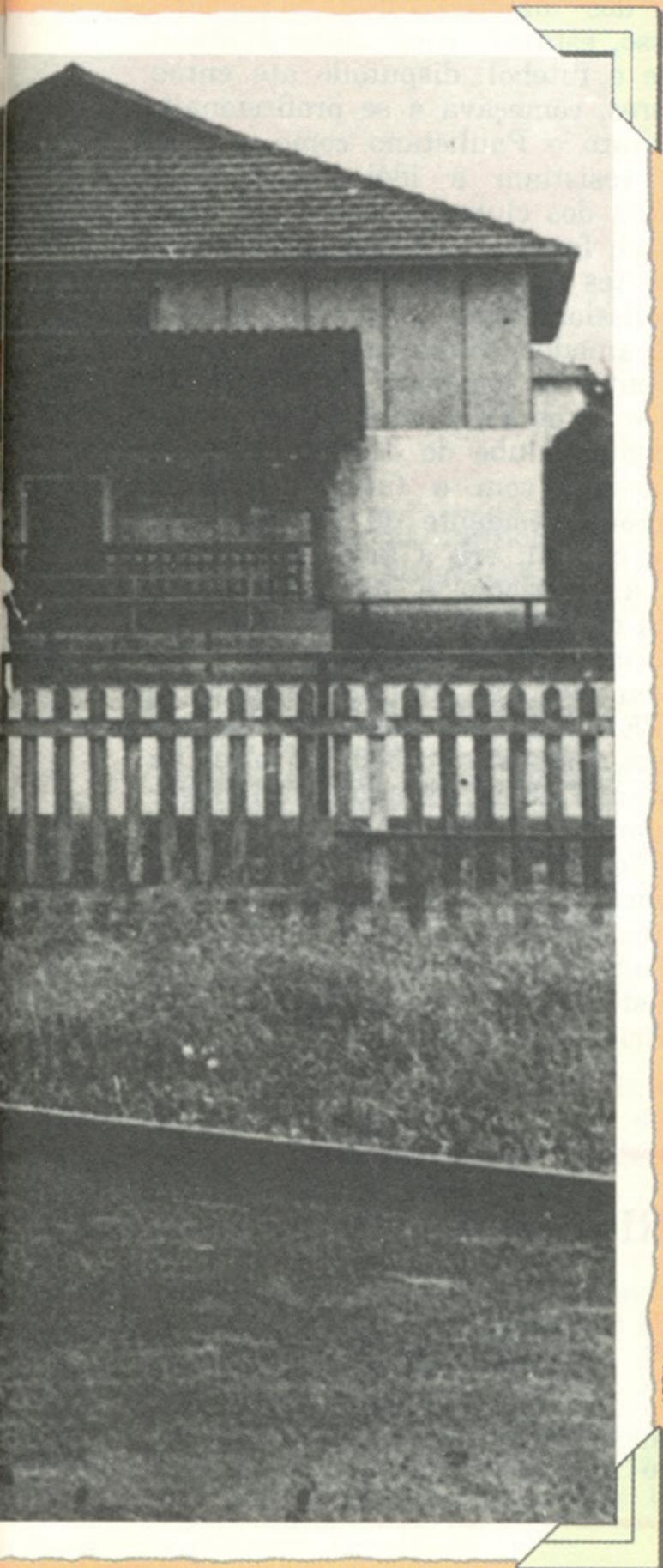
Poucos sabem, mas o tranquilo São Paulo teve um início conturbado e difícil. Tanto que tem, praticamente, três datas de fundação





ERGI MORAES

O time de 1984: em pé Fonseca, Barbiroto, Oscar, Casagrande, Darío Pereyra e Nelsinho; agachados, Geraldo, Careca, Zé Mário, Pita e Sídney



ABRIL



ABRIL

À esquerda, o campo do Canindé, o primeiro que o São Paulo Futebol Clube possuiu. Acima, Friedenreich: o primeiro grande craque tricolor, que garantem ter sido tão bom como Pelé



ABRIL

Leônidas, comprado em 1942 ao Fla: sensação

TALVEZ POUCA gente saiba. Mas a história da fundação do São Paulo foi a mais coturbada e cheia de obstáculos de todos os grandes clubes brasileiros. O tricolor nasceu num momento de crise do futebol, quando adeptos do profissionalismo e do amadorismo lutavam para impor suas idéias. E teve, praticamente, três datas de fundação: 26 de janeiro de 1930, quando surgiu o São Paulo da Floresta, reunindo ex-jogadores, dirigentes e torcedores do Clube Atlético Paulistano e da Associação Atlética Palmeiras; 4 de junho de 1935, quando, depois da fusão do São Paulo da Floresta com o Clube de Regatas Tietê, foi extinto o futebol no novo clube e sócios, jogadores, torcedores e dirigentes inconformados com o fato criaram o Clube Atlético São Paulo; e, finalmente, 16 de dezembro de 1935, quando 20 dedi-

cados são-paulinos resolveram enfrentar de vez as dificuldades financeiras que o Clube Atlético São Paulo atravessava e formaram sua primeira diretoria, mudando o nome para São Paulo Futebol Clube.

Mas vamos começar por 1930. A cidade de São Paulo ainda era a tranqüila "terra da garoa". Só se agitava, mesmo, em dias de grandes clássicos no futebol. O Clube Atlético Paulistano e a Associação Atlética Palmeiras — que não tem nada a ver com o Palmeiras de hoje — eram, sem dúvida, dois dos maiores times da cidade. Apesar disso, estavam condenados à extinção. É que o futebol, disputado até então por amadores, começava a se profissionalizar — e tanto o Paulistano como a A.A. Palmeiras resistiam à idéia. Brigava-se dentro e fora dos clubes, e havia até duas federações de futebol: a Associação Paulista de Esportes Amadores (APEA), favorável ao profissionalismo; e a Liga, adepta do futebol amador. Numa dessas grandes brigas — entre os jogadores do São Bento da capital e os do Paulistano —, a diretoria do elegante clube do Jardim América resolveu acabar com o futebol. Antônio Prado Júnior, presidente do Paulistano e prefeito da capital, era a favor da preservação do amadorismo e não concordava com a idéia de remunerar os jogadores.

A diretoria da A.A. Palmeiras, por sua vez, resolveu aderir ao profissionalismo e se filiou à APEA. Mas não conseguiu adaptar-se aos novos tempos e acabou "de pires na mão", tentando obter recursos para pagar seus jogadores. Ameaçada de perder seu campo da Floresta, uniu-se ao grupo do Paulistano favorável ao profissionalismo. O Paulistano tinha o dinheiro e a A.A. Palmeiras, o campo. Podiam, juntos, manter vivo o futebol de Friedenreich, Araken Patuska, Waldemar de Brito e Luisinho.

TODOS OS TÍTULOS DO TRICOLOR

O São Paulo foi campeão paulista de 1931, 43, 45, 46, 48, 49, 53, 57, 70, 71, 75, 80 e 81; campeão brasileiro de 1977; e conquistou os seguintes títulos internacionais: Tro-

féu Jarrito, no México, em 1955; campeão da Pequena Taça do Mundo na Venezuela, também em 1955; do Torneio Pentagonal de Guadalajara, no México, em 1960; campeão

da Pequena Taça do Mundo, na Venezuela, em 1963; campeão do Torneio de Florença, na Itália, em 1964; e do Torneio de Huelva, na Espanha, em 1969.

Assim, no dia 26 de janeiro de 1930, num velho casarão da Praça da República, 28, dirigentes, torcedores e sócios dos dois clubes se reuniam para fundar o São Paulo da Floresta. As cores eram a fusão do branco e vermelho do Paulistano com o preto e branco da Palmeiras. E o time já nascia tricolor: branco, preto e vermelho. O campo da Floresta foi reformado e, no dia 9 de março, o clube promovia o Torneio Início do Campeonato Paulista de 1930. O time da estréia era formado por Nestor, Clodoaldo e Barthô; Sérgio, Rueda e Abatte; Formiga, Siriri, Friedenreich, Araken e Zuanella.

O PRIMEIRO TÍTULO veio logo, em 1931, no segundo Campeonato Paulista, disputado pelo São Paulo com Nestor, Clodô e Barthô; Milton, Bino e Fábio; Luisinho, Siriri, Friedenreich, Araken e Junqueira.

Tudo corria bem em campo. Mas, na direção do clube, isso não acontecia. Alguns dirigentes resolveram comprar para sua sede um luxuoso palacete na Rua Conselheiro Crispiniano — o Trocadero. A dívida de 190 contos de réis, a princípio, não assustou. Depois, tornou-se terrivelmente pesada e os dirigentes preferiram negociar o campo da Floresta, fazendo uma "fusão" com o Clube de Regatas Tietê e acabando com o futebol.

"Fizeram a tal da fusão com o Tietê e, no dia seguinte, lá estavam os caminhões arrancando as torres de iluminação e as traves do campo", lembra com tristeza e revolta Joaquim Simões Gomes, 86 anos, o mais velho torcedor do São Paulo e testemunha do final infeliz dessa história.

Muitos são-paulinos se revoltaram. Recorreram à Justiça. Foram derrotados. Obstinação, resolveram criar um grêmio tricolor para dar continuidade ao futebol do São Paulo. Assim, depois de várias reuniões, era fundado, no dia 4 de junho de 1935, nos escritórios da Comercial Meca, da Rua João Brícola, o Clube Atlético São Paulo, dirigido pelo tenente Porfírio da Paz. O São Paulo continuava vivo, mas as dificuldades financeiras aumentavam. E, não fosse a fé que uniu os 20 homens dispostos a vencer os obstáculos, o São Paulo não se consolidaria.

No dia 16 de dezembro de 1935, Porfírio da Paz, Matos Viana, os irmãos Toledo, monsenhor Bastos, Alcides Borges, Pe-

Acta da Assembleia realizada em 16 de Dezembro de 1935

Aos dezesseis dias do mês de Dezembro de mil novecentos e trinta e cinco, nesta cidade de São Paulo, às vinte horas, numa das salas do prédio no 9-A, da rua Onze de Agosto, perante grande numero de pessoas interessadas que atenderam a um convite feito por intermédio da imprensa pela Direcção do Grêmio Tricolor, realizou-se a assembleia que teve por fim fundar o São Paulo Futebol Clube. Na qualidade de um dos directores do Grêmio Tricolor presente à reunião, o sr. tenente José Porfírio da Paz, depois de expor os motivos da convocação da assembleia, pediu que indicassem um dos presentes àquella reunião, para dirigir os trabalhos. Por unanimidade foi indicado o nome do sr. tenente José Porfírio da Paz, que assumindo a Presidencia da mesma, escolheu para seus secretarios os srs. João Campos e Francisco Viana Carneiro. Depois de agradecer a sua indicação o sr. Presidente deu como ulcimeento da ordem dos trabalhos que obdiçeram a seguinte ordem do dia: a) leitura, discussão e approvação do Estatuto; b) eleição de Direcção; c) indicação de secções como são

A ata original da fundação do SPFC

reira Carneiro e outros deram o passo definitivo para solidificar o tricolor no futebol. Às 20 horas, no escritório do dr. Silva Freire, na Rua 11 de Agosto, 9-A, eles fundavam o São Paulo Futebol Clube, elegendo como primeiro presidente Manoel Carlos Meca e diretor de esportes, Porfírio da Paz. No dia seguinte, começava a procura de novos craques.

PORFÍRIO SE ENCARREGOU de conseguir jogadores na capital e Meca, no Paraná. Vieram o goleiro King, José e Segoa. Na Rua da Mooca aconteceu o primeiro treino: 7 x 3 contra o Clube Atlético Paulista. Dois dias depois, novo treino, desta vez contra o Palestra: São Paulo 3 x 2.

O primeiro jogo oficial do São Paulo Futebol Clube acabou acontecendo no dia 25 de janeiro, aniversário da cidade de São Paulo. O adversário foi a Portuguesa Santista e o jogo, no Parque Antártica. Mas, horas antes do jogo, correu a notícia de que a partida estava proibida pela Secretaria da Educação. Era dia de desfile militar e não podia haver jogo de futebol em São Paulo. Porfírio da Paz, tenente da Força Pública, ficou revoltado. Tomou um táxi e foi direto à Avenida Paulista onde estava havendo o tal desfile. Sem mais cerimônias, subiu ao palanque e exigiu do secretário Cantídio Sampaio a liberação do jogo. O secretário cedeu à exigência de Porfírio e a ordem foi passada num receituário médico.

O time da estréia: King, Ruy e Picareta;▷



A mesa que presidiu a primeira assembléia tricolor, em 3 de dezembro de 1936

Ferreira, José e Segoa; Antoninho, Gabardo, Fogueira, Carrazo e Paulinho. A festa do São Paulo foi completa. Além de superar todas as dificuldades para realizar a partida, o time acabou ganhando de 3 x 2 — gols de Ruy, Antoninho e Carrazo.

Já em 1936, o novo São Paulo disputava seu primeiro Campeonato Paulista. Terminou em nono lugar, com 16 pontos perdidos.

ERAM TEMPOS DIFÍCEIS. Mesmo com uma ou outra boa renda, o dinheiro ainda era pouco. Além dos 20 fundadores, ninguém queria assumir um cargo na diretoria. Havia poucos sócios. Em muitas reuniões do Conselho Deliberativo, só aparecia seu presidente, cônego Bastos. Mas o pior, mesmo, é que o time parecia uma trupe de ciganos. Cada dia treinava num campo de várzea, sem ter ainda um gramado próprio. A concentração era dividida: metade dos jogadores ficava na torre da Igreja da Consolação, metade na casa do presidente do clube. Com todas essas dificuldades, e ainda o dinheiro curto, não foi fácil encontrar um técnico para o time. Mas os dirigentes são-paulinos ficaram sabendo de um rapaz gordinho que andava fazendo muito sucesso na várzea. Foram buscá-lo. Ele aceitou as condições e topou o desafio. Era Vicente Ítalo Feola.

Em 1938, o São Paulo resolveu seu pro-

blema de campo de futebol. O Estudantes, da Mooca, que tinha um bom time e um campo cedido pela Companhia Antártica Paulista, acabou-se fundindo com o tricolor. A única dificuldade foi o nome. Os dirigentes do Estudantes batiam o pé e não abriam mão do deles. Os do São Paulo queriam continuar como São Paulo Futebol Clube — e também estavam inflexíveis. Mas a situação econômica se agravava. Chegou a tal ponto que muitos diretores do tricolor já estavam pensando em desistir do nome para apressar a fusão e conseguir mais dinheiro. Mas o presidente do São Paulo, Frederico Menzen, não permitiu. Exigiu que o clube continuasse a se chamar São Paulo Futebol Clube. Ou, então, não haveria fusão com o Estudantes. Depois de muita briga, o ponto de vista de Menzen prevaleceu. Mas faltava escolher o novo presidente. Não podia ser nenhum dos dois presidentes envolvidos. Elegeu-se, então, Piragibe Nogueira — um grande são-paulino que, mobilizando todos os adeptos do tricolor, fez o clube “tirar o pé da lama”.

A Segunda Guerra Mundial acabou favorecendo a intenção do São Paulo de aumentar seu patrimônio. Nessa época, os clubes alemães no Brasil foram obrigados a trocar de nome. E no Canindé havia um deles, onde os sócios só praticavam ginástica. O São Paulo comprou o clube por um

valor abaixo do mercado na época, permitindo em troca que os associados alemães continuassem a frequentar a então sede do tricolor no Canindé.

Agora, o clube já tinha onde treinar e concentrar seus atletas. Só faltava reforçar o time. E o primeiro grande reforço foi nada menos que Leônidas da Silva, o Diamante Negro. Em 24 de maio de 1942, dia de céu limpo e claro, com o Estádio do Pacaembu lotado, acontecia a estréia do jogador, comprado ao Flamengo por 200 contos de réis, uma fortuna na época. Estava começando a primeira "fase de ouro" do São Paulo.

Esse dia bateu recorde de público no Brasil: 70 281 pessoas foram ao Pacaembu assistir ao duelo entre o ataque tricolor — Luisinho, Waldemar, Leônidas, Remo e Pardal — e a defesa corintiana — Joel, Agostinho e Chico Preto, Jango, Brandão e Dino. Uma grande partida que terminou empatada em 3 x 3.

Leônidas deu mesmo uma virada no time. E, com o argentino Sastre na equipe, o São Paulo venceu o Campeonato Paulista de 1943, empatando com o Palmeiras na decisão do título. Era o São Paulo de Rui, Bauer e Noronha, de Zezé Procópio e dos pontas Luisinho e Teixeira. Frederico Menzen, três vezes presidente do São Paulo, lembra que "aqueles eram tempos em que a moeda caía em pé e o São Paulo era campeão". E explica essa história: "Houve uma reunião na Federação quando os presidentes do Palmeiras e do Corinthians discutiam para prever quem seria o campeão de 1943. E resolveram decidir na moeda. Se desse cara, seria Corinthians; coroa, seria Palmeiras. Eu reclamei e disse: 'E para o São Paulo, não sobra nada?' E eles responderam: 'Só se a moeda cair em pé'. No fim do campeonato de 1943, a torcida do São Paulo desfilou pelas ruas da cidade com um carro alegórico representando uma grande moeda em pé".

A PARTIR DAÍ só dava São Paulo. Foi campeão em 1945 e 46. E, depois da perda do título de 47, outro bicampeonato: 1948 e 49. No campeonato de 1948, o tricolor já tinha no time um garoto, zagueiro-central, futuro campeão do mundo: Mauro Ramos de Oliveira. Para o bicampeonato de 1949, o tricolor foi buscar no Rio o ponta-direita Friaça. O título foi de-



Cícero Pompeu assina o contrato do Morumbi

cidido em uma dramática partida com o Corinthians. Mário, Savério e Mauro; Rui, Bauer e Noronha; Friaça, Ponce de León, Leônidas, Remo e Teixeira. A partida terminou 3 x 3 e o São Paulo se sagrou bicampeão com dois gols de Friaça e um de Leônidas.

A situação do clube, no entanto, não era das melhores. E já se falava em acabar — outra vez — com o futebol. Foi quando surgiu um jovem são-paulino e sugeriu ao então presidente, Cícero Pompeu de Toledo, a venda do Canindé e o início da construção de um novo estádio. "Um time não pode ter apenas 11 camisas, uma bandeira e muitas dívidas", disse o jovem, que se chamava Laudo Natel. A década de 50 começava, então, com um empreendimento muito mais audacioso que a contratação de Leônidas: a construção do Morumbi.

Parecia um absurdo, mas não é à toa que o São Paulo é conhecido como Clube da Fé. A diretoria saiu à procura de um terreno e foi dar no Jardim Leonor, no Morumbi. Depois de muitas visitas ao gabinete do prefeito Fábio Prado e aos escritórios da Construtora Aricanduva, dona do Jardim Leonor, o tricolor acabou conseguindo a doação de 90 000 m² que, somados aos 68 000 comprados pelo clube, dão nos 158 000 m² ocupados hoje pelo Estádio do Morumbi e pela parte social do São▷



O gigantesco Morumbi, inaugurado dia 25 de janeiro de 1960: o maior estádio particular do mundo

Paulo. No dia 15 de março de 1952, o monsenhor Bastos benzia a área onde seria construído o maior estádio particular do mundo. Em 25 de janeiro de 1960, o São Paulo disputava sua primeira partida, no ainda inacabado Morumbi, jogando e vencendo o Sporting de Lisboa por 1 x 0, com gol de Peixinho.

Os esforços para que o gigantesco estádio fosse construído não diminuíram, a princípio, os títulos do tricolor. Em 1953, ele conquistava mais uma vez o Campeonato Paulista de futebol. Poy, De Sordi e Mauro; Pé-de-Valsa, Bauer e Aldredo; Ha-

roldo, Negri, Abella, Maurinho e Teixeira venceram por 2 x 1 o Palmeiras no jogo decisivo.

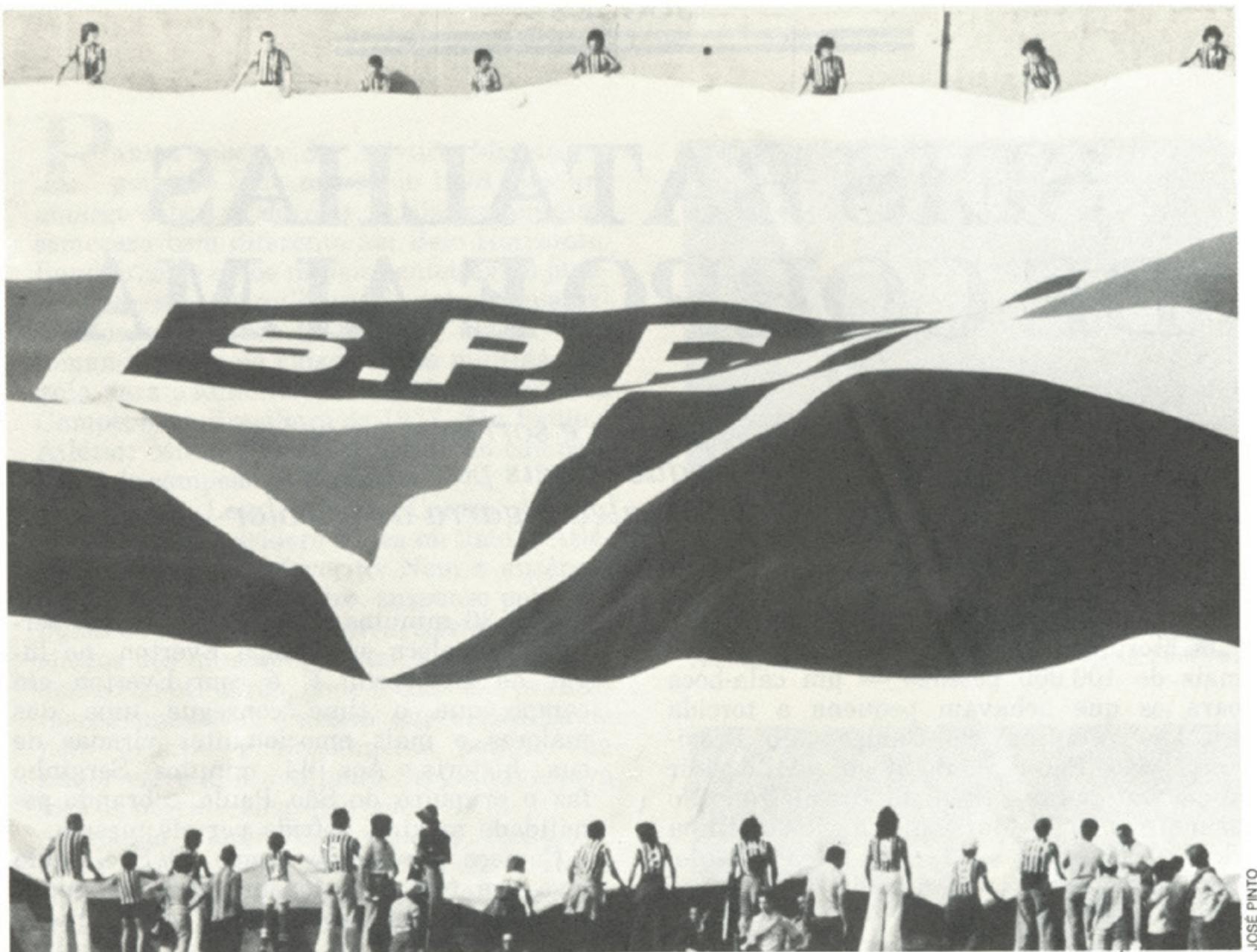
Mas o título inesquecível para os tricolores foi mesmo o de 1957, quando numa dramática partida o São Paulo venceu o Corinthians por 3 x 1 no Pacaembu. Em mortais contra-ataques, Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro arrasaram o Corinthians. Depois deste título, conquistado sobretudo pelo apurado futebol de Zizinho, o tricolor atravessou um período muito difícil. Os pesados gastos com a construção do Morumbi aumentavam cada

OS PODERES DOS ESTATUTOS

Os poderes do São Paulo F.C. — entidade criada para promover a educação física, reuniões cívicas, culturais e desportivas, segundo o estatuto — são os seguintes: a Assembleia-Geral, que se reúne de quatro em quatro anos,

na primeira quinzena de abril, para eleger a metade dos membros do Conselho Deliberativo, que elege e empossa o presidente da diretoria, eleito de dois em dois anos em abril; o Conselho Consultivo, ao qual cabe pre-

servar as tradições do clube; e o Conselho Fiscal, que fiscaliza as decisões de caráter financeiro tomadas pela diretoria. O São Paulo tem sete categorias de sócios, que vão dos grandes beneméritos aos temporários.



JOSE PINTO

A torcida tricolor — e uma bandeira cujo tamanho faz jus à grandeza do clube

vez mais, inviabilizando grandes investimentos no futebol, e o time só voltaria a conquistar um título paulista em 1970.

Já com o estádio totalmente pronto, o São Paulo foi campeão decidindo o título com o Guarani em Campinas. Vitória de 2 x 1 do tricolor, que já tinha Pedro Rocha, Gérson, Édson, Toninho e Forlan no time. Os gols foram de Toninho e de Paulo. Em 1971, ganhando do Palmeiras dentro do Morumbi, gol de Toninho, o São Paulo foi bicampeão paulista. No mesmo ano foi vice-campeão brasileiro de futebol, perdendo para o Atlético Mineiro por 1 x 0 no Mineirão.

Em 1974, o tricolor foi vice-campeão invicto e, em 1975, com um time de muitos jogadores jovens, como Murici, Zé Carlos, Paranhos e o artilheiro Serginho, comandados por José Poy, foi novamente campeão paulista. No dia 17 de agosto de 1975, São Paulo e Portuguesa entraram no Morumbi para decidir o título daquele ano. A decisão acabou acontecendo por pênaltis. A Portuguesa venceu por 1 x 0 no tempo normal. O São Paulo empatou na prorrogação. Vieram os pênaltis. Pedro Rocha, Serginho e Chicão fizeram os seus. Waldir Peres, com muita malícia e catim-

ba, defendeu os pênaltis chutados por Wilzinho e Dicá. E o tricolor conquistou mais um campeonato.

Mas o maior título tricolor viria mesmo em 1977, quando, dentro do Mineirão, um time em que poucos acreditavam, mas cheio de raça, derrotou por pênaltis o Atlético Mineiro. Minelli foi o técnico tricolor.

Em 1980 e 81, o clube conquistou mais um bicampeonato. Em 1980, Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Aírton; Almir, Heriberto e Renato; Paulo César, Serginho e Zé Sérgio venceram o Santos na partida decisiva por 1 x 0, gol de Serginho. Em 1981, com Gassem, Marinho e Mário Sérgio no time, além dos demais campeões do ano anterior, o São Paulo derrotou por 2 x 0 a Ponte Preta, no Morumbi, com gols de Renato e Serginho.

Hoje, passadas todas as dificuldades para a consolidação do tricolor no cenário do futebol brasileiro, com seu parque social e esportivo praticamente todo concluído, com o Morumbi pronto e um time com craques do valor de Darío Pereyra, Oscar, Careca, o São Paulo tem pela frente um futuro promissor, no qual certamente não faltarão os títulos. Prêmio justo para a fé que sempre moveu os pioneiros são-paulinos. □

SEIS BATALHAS DE CORPO E ALMA

Brigas e gols, lágrimas e sorrisos, emoções que ninguém esquece: seis partidas em que, acima de tudo, valeu a garra do tricolor

TARDE do dia 26 de abril de 1981. O Morumbi recebe um público de mais de 100 000 pessoas — um cala-boca para os que achavam pequena a torcida tricolor. Semifinal do Campeonato Brasileiro. São Paulo e Botafogo vão decidir quem vai para a final do Brasileirão. No primeiro jogo do Maracanã, a vitória tinha sido do Botafogo — 1 x 0. O São Paulo, com mais pontos, precisa da vitória por qualquer contagem.

O tricolor entra em campo com Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Marinho; Almir, Heriberto e Renato; Paulo César, Serginho e Zé Sérgio. Aos 18 minutos do primeiro tempo, o Botafogo já vence por 2 x 0, gols de Gérson e Mendonça. Atendendo aos apelos da torcida,

já aos 36 minutos, o técnico Carlos Alberto Silva coloca em campo Éverton, no lugar de Heriberto. E é com Éverton em campo que o time consegue uma das maiores e mais emocionantes viradas de sua história. Aos 44 minutos Serginho faz o primeiro do São Paulo, cobrando penalidade máxima sofrida por ele mesmo.

Começa o segundo tempo. O São Paulo leva sua torcida à loucura. Aos 21 minutos, Rocha estoura a bola da pequena área do Botafogo. Perto da meia-lua, Éverton pega o rebote e num sem-pulo manda na gaveta: 2 x 2. A pressão continua. Darío toca para Serginho que deixa para a entrada e o chute de Éverton. Resultado: bola no fundo das redes do Botafogo. São Paulo 3 x 2. Um jogão.



Semifinal do Brasileiro de 1981: São Paulo 3 x Botafogo 2, uma virada histórica

PARA A TORCIDA do Atlético Mineiro, a noite de 5 de março de 1978 teve um amargo sabor de derrota. O dia, no entanto, começara bem diferente em Belo Horizonte. Bandeiras do clube mineiro enfeitavam janelas e terraços de milhares de casas e apartamentos; e os gritos de "Ga-lô!", "Ga-lô!" iam tomando conta da cidade. Uma multidão seguia para o Mineirão para assistir à final do Campeonato Brasileiro de 1977. São Paulo e Atlético Mineiro iriam disputar no campo o título de campeão do Brasil.

Com João Leite, Toninho Cerezo, Ângelo, Marcelo, Paulo Isidoro e Ziza no time, o Atlético era o grande favorito. Nem a ausência de Reinaldo, o artilheiro, suspenso pelo Tribunal de Justiça Desportiva, esfriava o entusiasmo dos mineiros. Afinal, a decisão ia ser dentro do Mineirão, onde o Galo era praticamente imbatível. Parecia que o São Paulo nem existia. Principalmente porque sua maior estrela, o artilheiro Serginho, estava fora da partida, suspenso pelo TJD.

Quando Waldir Peres, Getúlio, Tecão, Bezerra e Antenor; Chicão, Teodoro e Darío Pereyra; Viana, Mirandinha e Zé Sérgio entraram em campo, sobraram vaias. Poucos acreditavam no time escalado pelo técnico Minelli.

Ao começar o jogo, a história foi bem diferente. Minelli tinha preparado seu time para não deixar o Galo jogar. Darío Pereyra grudou em Toninho Cerezo, Teodoro não largou Ângelo, Chicão fez o mesmo em Marcelo e Viana em Paulo Isidoro. Getúlio anulou Ziza, e Tecão não deu chance a Joãozinho Paulista e Caio Cambalhota. Sem falar em Waldir Peres, em dia de santo.

Na frente, Mirandinha, mesmo isolado, não dava moleza para os zagueiros adversários. E Zé Sérgio era uma preocupação constante para a defesa do Atlético. A máquina atleticana parava na frente do humilde mas raçudo São Paulo.

Na prorrogação, quem chegou mais perto do gol foi o tricolor. Chicão — um verdadeiro leão em campo — chutou uma bola que venceu o goleiro João Leite e só não entrou porque o zagueiro Márcio tirou em cima da linha. Ângelo divide a bola com Neca — que havia entrado no lugar de Viana — e leva a pior. Depois é atingido por Chicão. Os jogadores atleticanos partem para cima do volante do tricolor, que não se intimida e estufa o peito enfrentando a todos. O São Paulo não se acovarda nem perde a tranquilidade. Um ingrediente fundamental para a hora da decisão por pênaltis.

No momento decisivo, o tricolor é pura serenidade e sangue-frio. João Leite defende



A catimba de Waldir Peres, fundamental em 1977



Chicão chora de alegria: um leão com alma

o primeiro pênalti batido por Getúlio. Tensão. Waldir Peres pula para o lado errado e Ziza marca para o Atlético. Peres bate o segundo e faz São Paulo 1 x Atlético 1. Alves confere outro para o Atlético. João Leite defende o chute de Chicão. A torcida atleticana faz a festa. Parece que tudo está perdido. A partir daí começa a valer a experiência dos jogadores são-paulinos e a catimba de Waldir Peres. Joãozinho Paulista chuta, o goleiro defende. Antenor faz o segundo do São Paulo: 2 x 2. Márcio manda para fora o quarto pênalti batido pelo Atlético. Bezerra bate o último para o tricolor e confere: São Paulo 3 x 2. Toninho Cerezo ajeita a bola e olha para Waldir, que sorri. É a última chance para o Galo empatar e forçar nova série de pênaltis. Ele enche o pé e manda para fora. Belo Horizonte murcha, fica pequena. E São Paulo cai na festa. ▷

NA TARDE de 27 de junho de 1971, mais de 115 000 pessoas se espremiavam no Morumbi para assistir à final do Campeonato Paulista entre São Paulo e Palmeiras.

Do lado do São Paulo estavam Sérgio, Forlan, Jurandir, Arlindo e Gilberto; Edson, Gérson e Pedro Rocha; Terto, Toninho e Paraná. Do outro, Leão, Eurico, Luís Pereira, Minuca e Dé; Dudu, Ademir da Guia e Leivinha; Edu, César e Pio. A torcida tricolor dividia palmo a palmo as arquibancadas e gerais com os palmeirenses. Nas numeradas e cativas, os são-paulinos eram maioria.

Seguindo as instruções do técnico Osvaldo Brandão, os jogadores do tricolor "chegavam junto", não dando espaço para os talentosos Ademir da Guia e Leivinha. Um jogo difícil, amarrado no meio-campo. Logo no início do primeiro tempo, aos 6 minutos, To-

ninho faz o gol do São Paulo. E passa a segurar o Palmeiras. No segundo tempo, Leivinha sobe mais que a zaga tricolor e empata. O juiz Armando Marques anula o gol alegando que Leivinha tinha dado um soco na bola — e não uma cabeçada. A confusão toma conta do campo e Eurico e Fedato são expulsos.

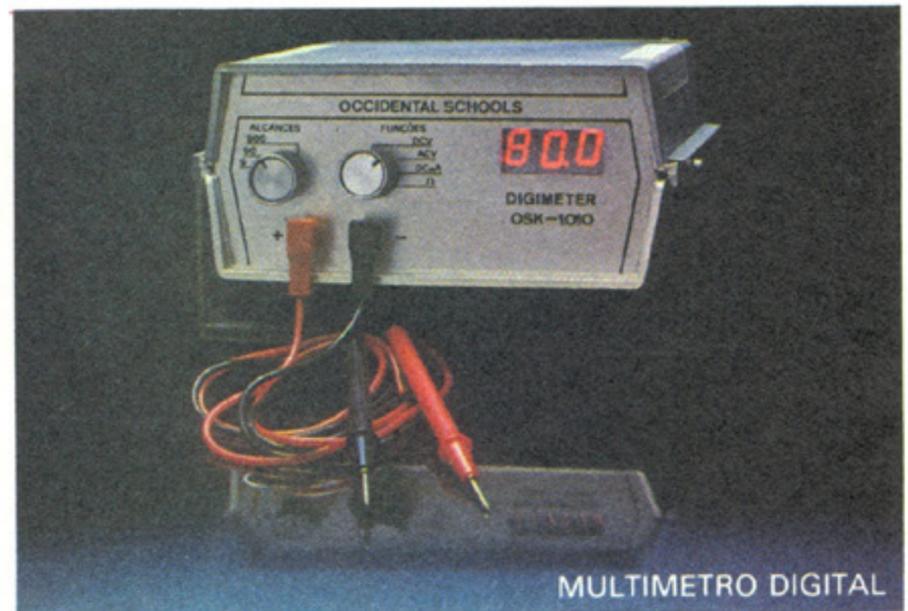
Os últimos minutos continuam emocionantes. A cada ataque desesperado do Palmeiras vem um contra-ataque fulminante do São Paulo, que só não acaba em gol graças à grande atuação de Leão. A torcida assiste de pé aos últimos momentos do jogo. Quando Armando Marques assinala o final da partida, os jogadores do Palmeiras partem para cima do juiz, reclamando do lance do gol de Leivinha. Os são-paulinos? Tarde. Já estão comemorando o título nas ruas de São Paulo. "Gol de mão? Não, não vimos." ▷

Pablo Forlan, de qualquer maneira: a raça do uruguaio foi decisiva no Paulista de 1971



MANOEL MOTTA

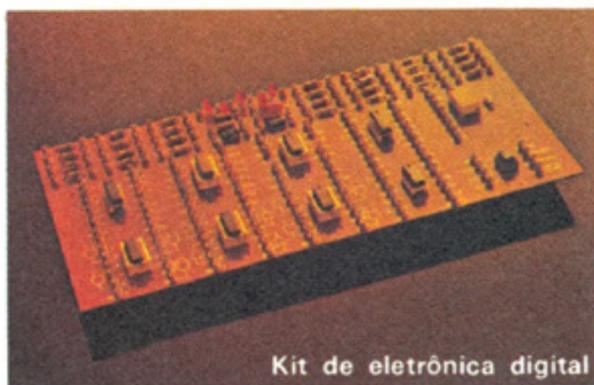
Chegando junto com a tecnologia de ponta!



MULTIMETRO DIGITAL

Da mesma forma como o fizera com o primeiro kit de televisão produzido no Brasil, novamente a **Occidental Schools** se antecipa no mercado, agora com o lançamento do revolucionário **multímetro digital** em forma de kit.

Kit digital — Além deste moderno equipamento, recentemente a **Occidental Schools** lançou também um avançado kit de **eletrônica digital**, inicialmente previsto para 50 experiências. O número de experiências poderá ser ampliado, de acordo com a capacidade de assimilação e criação de seu operador.



Kit de eletrônica digital

Estes e outros kits mais, são partes integrantes dos cursos técnicos intensivos, por correspondência, da **Occidental Schools**, onde teoria e prática se somam, dando ao aluno plenas condições de dominar os circuitos eletrônicos em geral.

Assim, por exemplo, no curso de televisão P&B/Cores, enquanto o aluno fica familiarizado com o funcionamento dos circuitos — técnicas de manutenção e reparos —, tem ainda a oportunidade de montar o ainda único televisor transistorizado, em forma de kit, produzido no Brasil!



Kit de televisão transistorizado

Valor do investimento — A esta altura, você deve estar se indagando a que preço sairiam o repasse destas tecnologias e equipamentos. O valor dos mesmos, se equiparam aos dos modelos similares produzidos em escala comercial. Isso, sem considerar que ao concluir o curso, mais que um usuário, você estará especializado numa área que poderá, inclusive, lhe proporcionar consideráveis rendimentos. Depende só de você.

Informações detalhadas — Para atingir o grau de credibilidade e a incontestável liderança no segmento de cursos técnicos especializados, a **Occidental Schools**, sempre se preocupou em bem in-

formar a seus alunos, antes mesmo da efetivação da matrícula. Afinal, num curso por correspondência é importante você saber, antecipadamente, quem são e o que fazem as pessoas que prometem êxito em seus estudos.

Sendo assim, solicite pessoalmente maiores informações em nossos escritórios, por telefone ou, simplesmente, utilizando a nossa caixa postal com o cupom abaixo. Qualquer que seja o meio utilizado, teremos o máximo prazer em lhe atender. Conte desde já conosco!



atendimento de alunos

OCCIDENTAL SCHOOLS
AL. RIBEIRO DA SILVA, 700
01217 SÃO PAULO SP
Telefone: (011) 826-2700

À
OCCIDENTAL SCHOOLS
CAIXA POSTAL 30.663
01051 SÃO PAULO SP

PL / P 13

Desejo receber **gratuitamente** e sem nenhum compromisso, catálogos ilustrados do curso que assinalo a seguir:

- Eletrônica Eletrônica Digital Áudio e Rádio Televisão
 Eletrotécnica Instalações Elétricas Refrigeração e Ar Condicionado

Nome _____

Endereço _____

Bairro _____

CEP _____ Cidade _____ Estado _____



Pose para a história: este time deu o primeiro título paulista ao tricolor, em 1943

O PRIMEIRO título paulista conquistado pelo São Paulo Futebol Clube veio no dia 3 de outubro de 1943. Era uma tarde de céu azul e limpo. O Pacaembu estava lotado. A torcida são-paulina explodiu de alegria quando seu time entrou no gramado: King, Piolim e Virgílio; Zezé Procópio, Zarzur e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal. Uma escalação que o torcedor tricolor sabia de cor.

O técnico era Jorge Gomes de Lima, o Joreca, contratado pelo então presidente, Décio Pedroso. Leônidas, o argentino Sastre e o mestre Noronha eram as maiores atrações do time. E o adversário, o Palmeiras. O empate bastava para o tricolor.

O jogo foi dramático. Logo na metade do primeiro tempo, Sastre se machucou e ficou sem condições de continuar. Acontece que, naquela época, não se permitiam

substituições. E com 10 jogadores dificilmente o São Paulo conseguiria deter o Palmeiras. Enquanto Sastre era atendido fora de campo, a torcida ficava em silêncio no Pacaembu, preocupada com a sorte do time tricolor.

Lentamente, o meia são-paulino se levantou, apesar da expressão de dor no rosto. Discutiu com o médico, que tentava impedi-lo de voltar ao campo, e, para a alegria e o espanto dos torcedores, voltou ao gramado do Pacaembu. Foi um verdadeiro ato de heroísmo. Mancando muito, ele correu, brigou, lutou, durante todo o resto da partida. Foi o melhor homem em campo. O principal responsável pelo empate de 0 x 0 com o Palmeiras. Um verdadeiro leão, que acabou sendo peça fundamental para que o São Paulo conquistasse o título de 1943.

EM 1946, o São Paulo comandou o Campeonato Paulista desde o início, derrotando duas vezes, até, o Corinthians, e tirando dele a Taça dos Invictos (23 partidas sem derrota). Mas o jogo decisivo foi com o Palmeiras. Na preliminar, já começava a festa são-paulina, no Pacaembu, com o empate entre as equipes amadoras dos dois times. O resultado dava o título do Campeonato Amador ao São Paulo e era um bom prenúncio.

As 3 e meia, os dois times titulares entram em campo. O São Paulo com Gijo, Piolim e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeirinha. O técnico era Joreca. O Palmeiras com Oberdan, Caieira e Gengo; Og Moreira, Túlio e Waldemar Fiúme; Lula, Villadoniga, Canhotinho, Lima e Mantovani.

Quando o juiz Bruno Nina apita o início da partida, o que se vê em campo é um Palmeiras disposto a conquistar a vitória a qualquer preço. Joga sua melhor partida do campeonato. O São Paulo, acuado em seu campo, se salva graças às atuações impecáveis de Piolim e Renganeschi. O meio-campo do time, ponto alto da equipe, não consegue soltar-se. Na frente, Leônidas não está em seus melhores dias; ainda se ressentido de uma contusão na coxa.

Tudo indicava uma vitória do Palmeiras, principalmente porque o goleiro Gijo estava intranquilo. Em três oportunidades soltou a bola nos pés dos atacantes do Palmeiras, e por sorte não tomou três gols.

No segundo tempo, o São Paulo acordou. Leônidas acerta um chute forte e colocado. Oberdan defende espetacularmente. Aos 12 minutos, a bola é levantada sobre a pequena área palmeirense. Oberdan salta para fazer a defesa, Luisinho pula com ele e atinge o goleiro palmeirense. Og toma as dores do companheiro e o conflito envolve todos os jogadores. Na arquibancada, o pau também come solto. Uma autêntica batalha de socos e pontapés.

No final do conflito, Remo, Villadoniga e Og são expulsos. Renganeschi, atingido no peito, continua em campo, mas na ponta-esquerda e praticamente sem condições de jogo. Rui ocupa seu lugar na defesa.

Os jogadores deixam a técnica de lado e jogam com muita raça. Todos correm atrás da bola como loucos. Aos 38 minutos, Bauer avança pela ponta-direita e cruza fechado para a área. A bola encobre Oberdan, bate na trave e cai nos pés de Renganeschi, que a empurra para o fundo das redes do Palmeiras. São Paulo 1 x 0. A torcida delira nas arquibancadas. Apenas 7 minutos separam o São Paulo deste bicampeonato. O Palmeiras ataca, o tricolor se defende como pode. É chutão para todo lado. No último minuto, Gengo chuta forte da intermediária. Gijo não consegue alcançar a bola. A torcida prende a respiração. Mas ela bate na trave e sai pela linha de fundo. O juiz apita o final do jogo. Renganeschi sai carregado como herói. São Paulo invicto e bicampeão em 1945 e 46. ▷



Em 1946, a decisão foi contra o Palmeiras. Uma guerra — e deu São Paulo, 1 x 0

ERA DIA de decisão. Nem a fria garoa de 29 de dezembro de 1957 iria atrapalhar a festa da torcida na final do Campeonato Paulista, entre São Paulo e Corinthians. À 1 da tarde, o Pacaembu já estava lotado.

Os corinthianos chegavam confiantes no esquadrão mosqueteiro de Gilmar, Olavo, Cláudio, Luizinho e Rafael — um time maduro e acostumado a ganhar títulos. Comandado pelo técnico Osvaldo Brandão, o Corinthians liderava o campeonato e só tinha sido alcançado pelo São Paulo uma semana antes, depois de uma inesperada derrota para o Santos. Para os são-paulinos, a derrota corintiana tinha sido um verdadeiro presente. Depois de 16 rodadas correndo atrás do inimigo, o tricolor alcançava o Corinthians no último momento. Estavam iguais: 28 pontos ganhos, uma derrota, quatro empates e 41 gols para cada time.

Mas o Corinthians era o favorito. Dino, pe-



A equipe que venceu o Corinthians na final de 1957

ça fundamental para o São Paulo, estava contundido. Ademar era um bom substituto, mas, momentos antes da partida, uma notícia corre as arquibancadas: Ademar também não joga pois está com violenta diarreia. Os corinthianos partem para as gozações. E ainda havia a briga entre Gino e Luizinho. No jogo do primeiro turno — num lance casual entre Maurinho e o zagueiro Alfredo, do Corinthians (que acabou quebrando a perna), Gino e Luizinho tinham-se engalfinhado. Dias depois, os jogadores do São Paulo, visitando Alfredo no hospital, cruzavam com os atletas do Corinthians e saía a maior confusão, com Gino caindo atingido por uma violenta tijolada na cabeça. Quem poderia ter sido senão Luizinho?

Tudo isso esquentava ainda mais o ânimo dos torcedores. E, 3 e meia da tarde, quando

os times entram em campo, o Pacaembu está prestes a explodir. O São Paulo vem com Poy, De Sordi e Mauro; Sarará, Vítor e Riberto; Maurinho, Amauri, Gino, Zizinho e Canhoteiro. O Corinthians com Gilmar, Olavo e Oreco; Idário, Valmir e Benedito; Cláudio, Luizinho, Índio, Rafael e Zague. O juiz é o carioca Alberto da Gama Malcher, auxiliado pelos bandeiras ingleses Lynch e Cross.

Aos 5 minutos, o primeiro encontro Gino-Luizinho. O povão pula, grita, quer ver o circo pegar fogo. A jogada é dura. O juiz pára o jogo e chama os dois. Eles se acalmam. Sarará faz uma bela partida e a torcida do São Paulo esquece Dino. Mesmo assim, o jogo é equilibrado e o primeiro tempo termina em 0 x 0.

Na segunda etapa, o Corinthians vem com tudo para cima do São Paulo. Mas o mestre Zizinho está impossível. Aos 17 minutos ele cobra uma falta lançando Gino. Este dá um leve toque de cabeça e deixa Amauri livre para marcar, na saída de Gilmar. Começa a festa são-paulina. Logo em seguida Sarará interrompe um ataque do Corinthians e passa a Zizinho. Este lança para Amauri, que ameaça invadir a área e acaba passando para Canhoteiro, que fica livre para marcar. Mas o Corinthians faz seu primeiro gol, levando sua torcida a acreditar numa virada. O autor foi Rafael, de meia-bicicleta. Três gols, em apenas 5 minutos. A galera está toda de pé.

Gilmar só assiste à partida, tal a pressão do Corinthians. Mas, quando já se temia o empate, veio o terceiro gol do São Paulo. Zizinho, como um beque de fazenda, dá um chutão para a frente. A bola cai com Gino, que também a manda para a frente, desesperado, para aliviar a pressão corintiana. A bola cai nos pés de Maurinho, que está no meio-campo. Até parecia jogada ensaiada. Maurinho ganha no pique de Olavo, passa por Gilmar e entra no gol com bola e tudo. Gilmar, desolado, só percebe que alguém passa as mãos na sua cabeça. É Maurinho comemorando o gol e tirando um sarro. Gilmar sai correndo atrás do ponta do São Paulo. Ele se esconde atrás de Gino. Os outros jogadores do Corinthians vão em cima do bandeirinha. A pancadaria come solta no campo e nas arquibancadas. O jogo só recomeça 10 minutos depois, após a retirada das garrafas e dos torcedores corinthianos que invadem o campo. Mas a partida já está decidida. Quando o juiz termina o jogo, o Pacaembu assiste à maior briga de sua história. Paus, pedras, garrafas, socos e pontapés são distribuídos com fartura. Sobra para todo mundo. A polícia não consegue conter os exaltados torcedores. O São Paulo nem pode fazer a tradicional volta olímpica tal o estado de ânimo e a chuva de garrafas que cai no campo. □

Escolas Internacionais: O FUTURO EM SUAS MÃOS

CURSOS DE: ELETRÔNICA; RÁDIO, ÁUDIO, APLICAÇÕES ESPECIAIS e TELEVISÃO

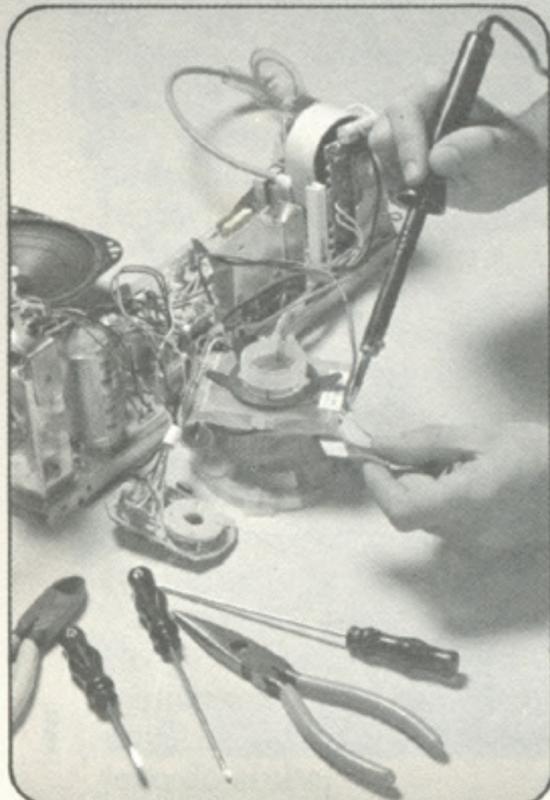


Escolas Internacionais, a maior, a mais moderna, a mais atualizada instituição de ensino por correspondência em todo o mundo! Na África do Sul, Austrália, Brasil, Canadá, Escócia, Estados Unidos, Gana, Inglaterra, Irlanda do Norte, Irlanda do Sul, Nova Zelândia, Singapura, Zâmbia e Zimbábwe.

A dimensão, a tradição, a seriedade e a atualização de ensinamentos são fatores

muito importantes para você que deseja estudar por correspondência. É a garantia de que sempre contará com professores, educadores, engenheiros e técnicos modernos e muito bem preparados para levar-lhe os ensinamentos dos quais você não pode prescindir nos dias de hoje: MODERNOS. DINÂMICOS. SEMPRE ATUALIZADOS.

Você receberá, INTEIRAMENTE GRÁTIS, todas as peças, ferramentas, acessórios e componentes para fazer interessantes experiências eletrônicas, para montar um *rádio portátil*, um *injetor de sinais*, um *multítester profissional*, um *sintonizador AM/FM, de 4 faixas, estéreo, com duas caixas de som*, um *receptor de televisão*.



ESCOLAS INTERNACIONAIS

Caixa Postal 6997 - CEP 01051 - São Paulo - SP - Telefone: (011) 803-4499

ATENÇÃO

Se você não quiser recortar sua revista, mande-nos o cupom anexo.

Escolas Internacionais

PL / P 13

Cx. Postal 6997 - CEP 01051 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 803-4499

Sr. diretor, solicito que me envie, inteiramente grátis, o catálogo completo dos cursos de: *(assinale com X o curso desejado)*.

Eletrônica Rádio, Áudio e Aplicações Especiais Televisão

Nome _____

Rua _____ n.º _____

Cidade _____

CEP _____ Cidade _____

DEZ HERÓIS DA NAÇÃO TRICOLOR

Há três uruguaianos e dois argentinos entre os maiores ídolos do São Paulo. Prova maior de que, no futebol, a verdadeira pátria é a camisa

LÊONIDAS da Silva, o Diamante Negro (apelido que ganhou na Copa Rio Branco de 1932, em Montevideú), chegou ao São Paulo em 1942, com 29 anos e já consagrado. Veio do Flamengo por 200 contos de réis — na época, a transação mais cara do futebol sul-americano.

Campeão pela Seleção Carioca em 1931, 38, 39 e 40; artilheiro da Copa de 1938 (com sete gols); Leônidas estreou no São Paulo no jogo contra o Corinthians do dia 27 de abril, no Pacaembu. E trouxe para o clube os títulos paulistas de 1943, 45, 46,

48 e 49, participando — na opinião de muitos — da melhor equipe que o tricolor já teve: Gijo, Piolim e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira.

Em 1950, o Homem de Borracha, o Rei da Bicicleta, jogou apenas uma vez, contra o Nacional.

Foi técnico algum tempo, mas acabou voltando aos gramados como jogador, em 1951. Despediu-se do futebol nesse mesmo ano, jogando por um combinado São Paulo-Bangu, na Bélgica.



Leônidas da Silva, o Diamante Negro, e a jogada que o consagrou: a bicicleta



JB SCALCO

O uruguaio Darío Pereyra: talento, vigor e raça insuperáveis na zaga tricolor

COM APENAS 21 anos, Darío Afonso Pereyra Bueno era o campeão da Seleção Uruguaia. Ele tinha um vigor fora do comum. Foi contratado pelo São Paulo em 1977, ano de ouro do tricolor, quando o time de Rubens Minelli, em pleno Mineirão repleto de torcedores do favorito — o Atlético de João Leite, Cerezo e Paulo Isidoro —, venceu nos pênaltis e se sagrou campeão brasileiro, pela primeira vez em sua história.

Mas Darío Pereyra teve problemas de adaptação. Não conhecia a capital paulista e estranhava o esquema de jogo praticado pelo tricolor. Era escalado no meio-campo, mas não conseguia render o mesmo que na seleção de seu país — ou no Nacional, de Montevidéu. A torcida, que o havia recebido no aeroporto como o Rei Darío, parecia conhecer o problema e esperava paciente. Afinal, sete anos antes um outro uruguaio, Pedro Rocha, tido como um dos melhores jogadores do mundo, demorara quase um ano para se adaptar totalmente ao esquema de jogo do clube.

Mas Darío não demorou tanto. Numa emergência, Minelli colocou-o para jogar na quarta-zaga. Darío estranhou, mas tentou.

Estraçalhou, e não saiu mais da posição. A torcida fez a festa e o elegeu um dos “deuses da raça” do Morumbi. Quando Oscar chegou, contratado do New York Cosmos, formou com ele a melhor dupla de zagueiros do país. Muita gente, inclusive, lamentava que ele fosse estrangeiro e não pudesse defender a Seleção Brasileira.

Darío ainda não tinha sentido o gosto de uma campanha construída desde o primeiro jogo do campeonato. Mas não precisou esperar muito. No ano de 1980, ele e Oscar comandavam o time na conquista do título paulista e, no ano seguinte, a dose se repetia.

Darío, definitivamente, era peça fundamental na equipe e um dos principais responsáveis pelo bicampeonato, em 1981. Desde o começo, e com a garra que o São Paulo “pediu a Deus”.

O PRÓPRIO Pelé reconhecia a dificuldade de superar a marcação de Dias, jogador habilidoso e técnico, sem dúvida um dos maiores zagueiros que o São Paulo já teve. Calmo, compenetrado, Roberto Dias Branco começou a jogar bola nos juvenis do próprio São Paulo, com 16 anos. Aos 17, já era convocado para defender a Seleção Brasileira na Olimpíada de Roma de 1960.

Dias sempre foi a imagem do jogador seguro, lutador e técnico. No ano de 1967, foi eleito o Atleta do Ano, pelo Departamento

de Educação Física do Estado. E, em 1970, conquistou seu primeiro título paulista atuando ao lado de Gérson, Toninho Guerreiro e Édson, entre outros.

Em 1971, foi obrigado a abandonar os campos de futebol, vítima de uma complicação cardíaca. Dias, aparentemente por causa de uma bolada no pescoço, teve uma das coronárias entupidas. Começou o tratamento e se despediu daquele que foi seu único clube, em toda sua carreira como profissional de futebol.



O habilidoso e técnico Roberto Dias, a quem até Pelé achava difícil driblar

SEBASTIÃO MARINHO



LEMYR MARTINS

Pedro Rocha: outro uruguaio brilhante, que deixou sua marca na equipe do São Paulo

OSÃO PAULO estava de olho nele desde 1969. Mas só em agosto de 1970 o uruguaio Pedro Rocha teve seu passe comprado pelo tricolor, por 150 000 dólares, pagos à vista ao Peñarol. No começo, foi difícil adaptar-se ao esquema tático de Zezé Moreira. Além disso, o time já tinha Gérson, o Canhotinha de Ouro, jogando na posição e Rocha precisou encaixar-se em outra, demorando um bom tempo até se sentir "em casa".

Em março de 1971, no jogo contra o Palmeiras, ele finalmente "desencanta" e, atuando de centroavante, marca os dois gols que dão a vitória ao São Paulo.

A campanha invicta durante o certame paulista de 1971 dá à equipe uma segurança que há muito não se via no Morumbi. O

São Paulo se torna bicampeão e as coisas começam a mudar. Gérson sai, Zezé Moreira é substituído por José Poy e Rocha se torna o dono absoluto da camisa 10. Em 1975, o tricolor se sagra campeão paulista e, nessa altura, El Verdugo já é o jogador mais querido pela torcida.

No ano seguinte, 1976, o São Paulo não faz uma boa campanha. Em 1977, Rubens Minelli chega ao Morumbi para substituir Poy, e Rocha acaba sendo emprestado ao Coritiba, pelo qual se sagra campeão. De lá, vai para o Palmeiras e fica.

Pedro Virgilio Franchetti Rocha nasceu em Salto, Uruguai, em 3 de dezembro de 1942 e foi considerado pela FIFA o melhor jogador uruguaio da década de 60. ▷

O GAROTO Francisco Jesuíno Avanzi trabalhava numa fábrica, em Piracicaba (SP), como aprendiz de torneiro mecânico. Mas detestava. Gostava mesmo era de jogar futebol. Uma dia, o técnico do XV de Novembro chamou-o para um treino com os profissionais; um teste para checar as habilidades do garoto que, uma semana antes, tinha sido campeão pelos juvenis do clube. O moleque jogou bem e acabou assinando seu primeiro contrato.

Mas a chance de se firmar como titular no XV nunca chegava. Chicão foi então emprestado para o União Agrícola Barbarense, de Santa Barbara d'Oeste (SP), e se tornou o principal jogador da equipe. Veio o São Bento e o contratou. No clube de Sorocaba (SP), ele teve oportunidade de mostrar

seu futebol valente, cheio de raça, viril. E a diretoria da Ponte Preta, de Campinas (SP), vendo, comprou seu passe e o levou. Da Macaca para o São Paulo, em 1973, foi um pulo. E, logo, ele se tornou um ídolo para a torcida tricolor.

Em 1974, Chicão Gavião teve o que chamou de "a maior decepção" de sua vida: perdeu a final da Taça Libertadores da América para o Independiente, de Buenos Aires, por 1 x 0. Em 1975, conquistou seu maior título até então: campeão paulista. E, em 1977, na decisão do Campeonato Brasileiro contra o Atlético Mineiro, teve uma atuação histórica, inesquecível. O São Paulo conquistou o título e Chicão, como se explodisse de tanta emoção acumulada desde os tempos da fábrica, chorou nos ombros de Neca feito criança.

Chicão: em campo, a marca da valentia e virilidade — e também da eficiência





ABRIL

Zizinho, o Mestre Ziza: um maestro para reger a talentosa orquestra tricolor

NO GOL, a disciplina e a segurança de José Poy; na defesa, a eficiência de De Sordi e Mauro; no meio-campo, a seriedade de Dino Sani; no ataque, o brigador Gino e, nas pontas, a velocidade e a malícia de Maurinho e Canhoteiro. O São Paulo tinha uma equipe de respeito, mas faltava alguém que pudesse organizar o talento daqueles jogadores. Esse alguém acabou sendo Zizinho, contratado pelo tricolor em 1957, a pedido do técnico Bella Gutman.

Zizinho — ou Thomas Soares da Silva — tinha 35 anos e já havia sido tricampeão carioca pelo Flamengo, além de ter sido o “melhor jogador da Copa de 1950” e de ter participado de todas as seleções formadas em sua época. Muitos acharam sua contra-

tação um erro, porque Zizinho não iria agüentar o ritmo dos demais jogadores. O que aconteceu, no entanto, foi exatamente o contrário: do meio-campo, quem ditou o ritmo foi ele, com seus passes preciosos; que reger a orquestra de talentos foi ele, com sua técnica refinada; e foi ele quem levou o São Paulo ao campeonato, num momento em que Corinthians e Santos dominavam o futebol paulista.

Zizinho ultrapassou a esfera nacional. Foi chamado de “gênio” por Willy Meils, comentarista austríaco. Foi comparado ao pintor Leonardo da Vinci por um jornalista italiano. E, de fato, era um artista com a bola nos pés. Ficou pouco tempo no São Paulo, mas jogou o suficiente para jamais ser esquecido por quem o viu em campo. ▷

ELE CHEGOU ao São Paulo com quatro dias de atraso. Desentendeu-se com Gérson logo nos primeiros treinos e, ao entrar em campo como titular, não correspondeu à expectativa dos dirigentes e torcedores do clube. Como é que aquele jogador uruguaio, alto, de cabelos compridos e jeito desleixado poderia dar certo no São Paulo?

A resposta veio logo depois, quando Pablo Justo Forlan Lamarque, 23 anos, vestiu a camisa 2 do tricolor e começou a impor sua forte personalidade aos companheiros.

Forlan não queria competir com ninguém; só não gostava era de ser mandado. E, no campo, queria ver todo mundo dando o sangue, como ele fazia. O Caveira Simpática, como pas-

sou a ser chamado pelos companheiros, se transformava durante os 90 minutos do jogo. Se o time estivesse perdendo, corria como um louco, xingava, empurrava os companheiros para a vitória. Se estivesse ganhando, procurava manter os jogadores acesos, e garantir a vitória até o apito final.

A verdade é que Pablo Forlan, durante o tempo em que jogou no São Paulo, foi o símbolo da garra. Ajudou o clube a conquistar o bicampeonato de 1970 e 71, ao lado de Gérson, Pedro Rocha e outros. Em 1975, voltou para o Uruguai. E retornou ao Brasil em 1984, vindo para o São Paulo treinar as divisões inferiores de futebol do clube. Com a mesma garra, com a mesma vontade de vencer.



No gesto característico, a síntese do uruguaio Pablo Forlan: amor à camisa tricolor

MANOEL MOTTA



ABRIL

O argentino Poy: segurança, disciplina e humildade em 565 partidas pelo São Paulo

EM DEZEMBRO de 1945, o Rosario Central, da Argentina, veio ao Brasil para um jogo amistoso com o São Paulo (2 x 2, Pacaembu). José Poy, então com 19 anos, impressionou os dirigentes do tricolor por sua seriedade, atenção, agilidade e total falta de vedetismo.

Em 1948, por indicação de Antonio Sastre, o São Paulo o contratou. Poy ficou mais de um ano só treinando. Diariamente, sem reclamar, sabendo que sua chance um dia chegaria. De fato, em 1950, ele se tornou o camisa 1 do tricolor e, durante 13 anos, foi o dono absoluto de sua baliza.

Compenetrado, disciplinado e humilde, José Poy jogou 565 partidas pelo São Paulo e desenvolveu uma visão de jogo que até hoje lhe vale como técnico. Entre suas "lições de vida", ele aprendeu que "futebol é uma profissão igual às outras; e que o jogador, antes de ser um craque, tem de ser uma pessoa íntegra, honesta".

Depois que deixou de jogar futebol, ele virou técnico. Em 1963 e 64 foi bicampeão paulista, dirigindo o infanto-juvenil, sempre com a mesma disciplina e seriedade, sempre no São Paulo, um velho amor.

EM 1943, o excelente São Paulo precisava apenas de mais um jogador para disputar o Campeonato Paulista. Um jogador inteligente, técnico, cerebral, enfim, alguém que impulsionasse o time dentro do campo. O nome do argentino Antonio Sastre foi lembrado. Mas, até que ele se tornasse um ídolo tricolor, muita coisa aconteceu. Primeiro, quase toda a imprensa paulista, quase toda a torcida e até dirigentes do clube não aprovavam a contratação. Sastre já estava com 32 anos e "em fim de carreira", diziam. Depois, o próprio Independiente, de Buenos Aires, não queria vendê-lo. Mas, com a interferência do cônsul brasileiro na Argentina e a habilidade de alguns dirigentes, as dificuldades foram contornadas.

Sastre estreou no São Paulo contra a Portuguesa de Desportos: perdeu de 3 x 1, num jogo medíocre. Mas, jogador incomum, talentoso e de jogadas imprevisíveis, ele logo mostrou que sua maturidade e talento continuavam intatos. Na tarde de 14 de agosto de 1943, num jogo contra a Portuguesa Santista pelo segundo turno do Campeonato Paulista, marcou seis dos nove gols do São Paulo, na goleada de 9 x 0. Estava coroada sua contratação.

El Maestro deu ao São Paulo os títulos de campeão paulista de 1943 e de bicampeão em 1945 e 46, despedindo-se dos campos brasileiros em 15 de dezembro de 1946, numa partida contra o River Plate, da Argentina, no Pacaembu. A festa foi toda para ele e para seu bonito futebol, que levou o São Paulo a conquistar três títulos em menos de quatro anos.



Outro argentino: o inteligente e técnico Sastre



Friedenreich, um mito: tão bom como Pelé, dizem

QUEM O VIU jogar sustenta, categoricamente, que Friedenreich foi melhor ou tão bom como Pelé. Na verdade, trata-se de uma comparação difícil, pois o futebol que se jogava na primeira metade do século era muito diferente do praticado no tempo de Pelé. Mas, em números, a FIFA os iguala.

Ou quase: Artur Friedenreich, filho de alemão com mulata brasileira, marcou ao longo de seus 26 anos de carreira nada menos que 1 329 gols.

Friedenreich jogou no Germânia, no Ipiranga, no Americano, no Paulistano e no São Paulo. No tricolor, formou com Nestor, Clodô e Bartô; Milton, Bino e Fábio; Luisinho, Siriri, Araken e Junqueira a equipe que ficou conhecida como o Esquadrão de Aço e se tornou campeã em 1931.

Inteligente, Friedenreich talvez tenha sido o jogador mais objetivo e um dos mais corajosos de sua época. Parecia conhecer todos os segredos do futebol e sabia sempre quando e como ia marcar um gol.

Foi, sem dúvida, um dos maiores centroavantes que o Brasil já teve. Em 1925, voltou da Europa como um dos "melhores do mundo", depois de vencer, pelo Paulistano, nove dos dez jogos disputados. Em 1929, marcou sete gols numa única partida contra o União Lapa, batendo o recorde da época. El Tigre participou ainda da decisão do Campeonato Brasileiro, em 1931, disputado entre paulistas e cariocas. E encerrou sua carreira no Flamengo, em 1935, aos 43 anos de idade. □

GANHE MAIS
DINHEIRO

estudando por
correspon-
dência
nas

ESCOLAS ASSOCIADAS

CAIXA POSTAL 19155
CEP 01000
VILA NOVA CONCEIÇÃO
SÃO PAULO - CAPITAL

MESTRE DE OBRAS (EDIFICAÇÕES)

Eis aí sua grande oportunidade para obter um alto rendimento e uma profissão que garantirá êxito em sua vida. Em poucos meses, será um profissional competente. Não perca tempo. Faça hoje mesmo sua matrícula.



APRENDA A FOTOGRAFAR E REVELAR COLORIDO/PRETO E BRANCO

Um curso prático, dinâmico e atualizado destinado a todos os que desejam aprender os segredos de FOTOGRAFIA preto/branco e colorida e as técnicas de revelação. Ensinamos também a copiar fotografias a cores no papel. Você aprenderá a montar o seu próprio laboratório para que possa trabalhar em sua casa e ganhar mais dinheiro nas horas de folga, sem emprego de capital, e ainda mais, receberá toda a orientação técnica necessária e inúmeras "dicas" práticas que facilitam o seu aprendizado. **GRÁTIS:** Uma máquina fotográfica e laboratório para revelar.



VIOLÃO E GUITARRA

Nosso curso oferece oportunidade a todos que desejam "TOCAR" e ganhar muito dinheiro. Gradativamente, você dominará este instrumento e aprenderá tudo sobre tonalidades, acordes, posições e ritmos. E ainda receberá um caderno de músicas clássicas e populares para acompanhar e fazer muito sucesso. **GRÁTIS:** Material ilustrado para seu aprendizado.



RADIOTÉCNICO TRANSISTORES E TELEVISÃO PRETO E BRANCO/COLORIDO

Estamos na era das comunicações e isso torna qualquer atividade do setor um excelente campo profissional. Por isso, nós ensinamos você a consertar, montar e fazer seus próprios aparelhos; tudo sobre receptores de rádio e televisão, transistores, amplificadores, receptores de AM e FM, caixas acústicas, etc. Este curso está todo ilustrado e você poderá, em sua própria residência, montar uma oficina para garantir-lhe uma profissão liberal e ter mais lucros em pouco tempo. **GRÁTIS:** Um "Kit" completo para montar um rádio AM, mais soldador, solda e Chave-de-fenda.



OUTROS CURSOS QUE MANTEMOS:

CONTABILIDADE PRÁTICA
ASSISTENTE CONTÁBIL

PRÁTICO PERFUMISTA

DESENHO ARTÍSTICO
E PUBLICITÁRIO

BELEZA DA
MULHER MODERNA

AR CONDICIONADO
E REFRIGERAÇÃO

RELOJOEIRO
TÉCNICO

TÉCNICO EM INSTALAÇÕES
HIDRÁULICAS E SANITÁRIAS

COMPUTAÇÃO
ELETRÔNICA

PINTURA
DE IMAGENS

SUPLETIVO
DO 1º GRAU

MONTAGEM
DE RÁDIO E TV

AGROPECUÁRIA

CORTE E COSTURA

ELETRICIDADE

INGLÊS
COM FITAS

AUXILIAR DE ENFERMAGEM
(AMBOS OS SEXOS)

JORNALISMO

Solicite AINDA HOJE o Catálogo Ilustrado de nossos Cursos
GRÁTIS: MATERIAL COMPLETO PARA O APRENDIZADO.

ESTE É SEU

PL / P 13

ESCOLAS ASSOCIADAS - Caixa Postal: 19155

CEP 01000 - Vila Nova Conceição - São Paulo - Capital

Peço enviar-me, gratuitamente, informações sobre o Curso
(Indicar o desejado)

Nome

Rua N°

CEP. Bairro C. Postal

Cidade Estado

ESTE É PARA SEU AMIGO

PL / P 13

ESCOLAS ASSOCIADAS - Caixa Postal: 19155

CEP 01000 - Vila Nova Conceição - São Paulo - Capital

Peço enviar-me, gratuitamente, informações sobre o Curso
(Indicar o desejado)

Nome

Rua N°

CEP. Bairro C. Postal

Cidade Estado

AINDA MAIS: CARTEIRA DE ESTUDANTE E ATESTADO DE CONCLUSÃO NO FINAL DO CURSO, GRATUITAMENTE



TORCIDA

E DIZEM QUE ESSA GENTE NÃO VIBRA...

Uma torcida fria, que nem vai a campo? Que nada: a galera tricolor tem muita alma!



ABRIL



LEMYR MARTINS

Maria Campos, a Filhinha: um símbolo

EM 1940, o estudante de Direito Manuel Raymundo Paes de Almeida organizou a primeira torcida do Estado, que volta e meia lançava seu grito de guerra:

Arakan-baran-bakan

Tumberê-tumberá

Rico-rico-rico-rá

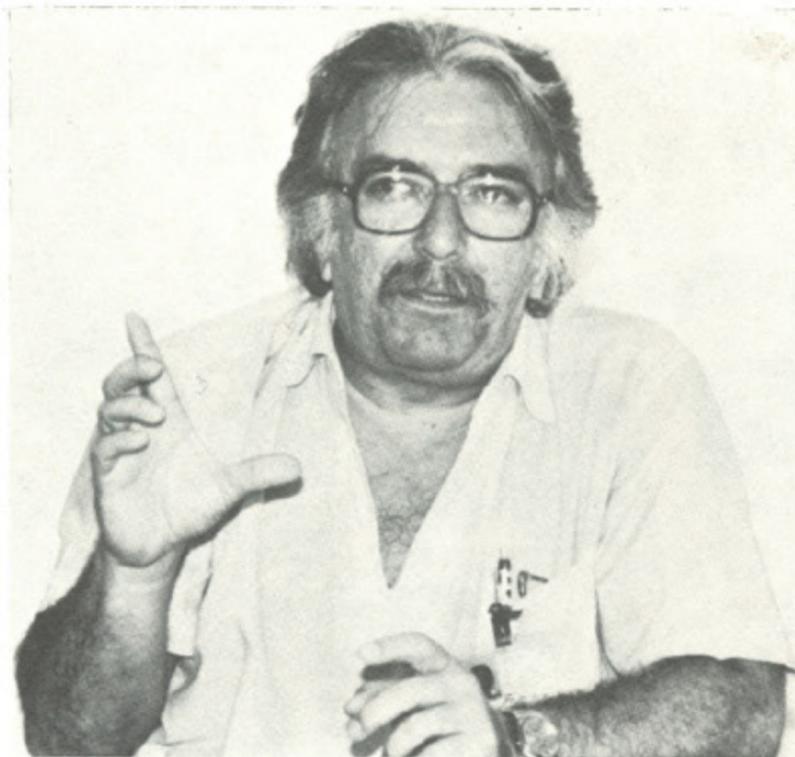
Rá-rá-rám

São Paulo! São Paulo! São Paulo!

Guerra? Quase todos eram jovens universitários são-paulinos, imaculadamente vestidos de branco, que se comportavam com o maior nível na arquibancada. Para muita gente, esse já folclórico bom comportamento são-paulino explica por que a torcida prefere ficar longe do tumulto ca-▷



Juca Chaves: "Somos uma torcida civilizada"



Freire: "Sou são-paulino desde o útero"



Paulo Machado de Carvalho, o Marechal da Vitória

da vez maior dos estádios, mesmo o Morumbi, até nos grandes jogos do clube, embora qualquer pesquisa mostre que o São Paulo tem o terceiro maior número de torcedores do Estado e o sétimo do Brasil.

POR ESSAS e outras, fica a imagem de que o São Paulo é um clube aristocrático. Mas torcedores como o psiquiatra e escritor Roberto Freire se rebelam contra ela: "Eu, por exemplo, venho de uma família pobre, como muitos outros, e, quando estou nas arquibancadas, não quero saber dessa história de pó-de-arroz; o preconceito é dos outros, de quem fica analisando, dos intelectualóides", indigna-se o psiquiatra. Ele aproveitou a irritação para cair de pau no Corinthians, que ele chama de falso popular: "É tudo estereotipado — quer dizer que o homem da esquerda brasileira é legal só porque torce pelo Corinthians?"

Roberto Freire — "sou são-paulino desde o útero de minha mãe" — tem três filhos — Pedro, Paulo e Beto —, todos são-paulinos: "Se não, preferiria que eles fossem bichas", brinca. Outro torcedor de fé, o publicitário Neil Ferreira, preocupado com a balançada que o filho deu, após a venda de Serginho para o Santos, tratou de levá-lo ao estádio num jogo contra a Portuguesa, na estréia de Careca: "Ele me perguntou quem era Careca. Mostrei, ele não acreditou, teimou que Careca era Waldir Peres. Estava certo. De qualquer forma, ele continuou são-paulino".

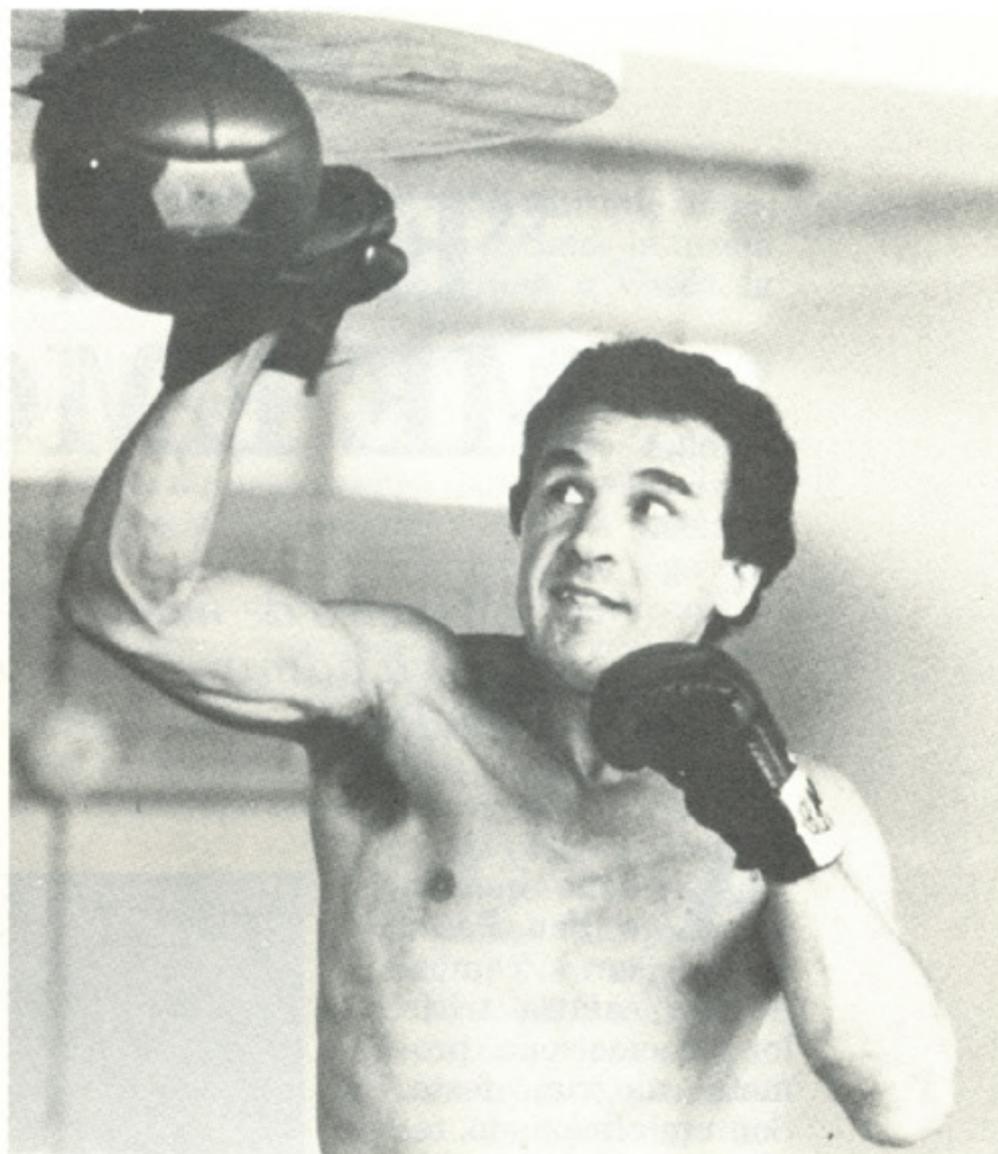
O publicitário não vê nenhum mal em que a torcida do São Paulo seja, como ele diz, civilizada. Ele próprio se classifica assim: "Sou fanático, mas não vou brigar porque fulano é corintiano, e essas coisas babaças que a gente conhece — a gente vai ao campo para ver o espetáculo e se divertir". Mas não deixa de achar que um pouco de malandragem na direção e dentro do campo não fariam mal nenhum: "O São Paulo tem que ter mais bandidos. Perdemos Sócrates para o Corinthians porque faltou malandragem, e um jogo do time mostra isso: foi a final de 1982, contra o Corinthians. Tinha de ter um bandido ali, um cara que fizesse a maior confusão, que perturbasse. Não tinha, perdemos".

Éder Jofre, um são-paulino que não deveria ter o menor temor de confusão, também prefere uma torcida mais maneira. Coisa

que vem da infância: "Quando eu era garoto, apesar de adorar futebol e o São Paulo, tinha um medo danado de acontecer uma briga perto de mim nos estádios, pois eu era franzino e pacífico". Sempre que pode, ele manda uns golpes contra os adversários, de preferência corintianos, mas só de boca, para descontar tudo o que penou na infância: "Toda a meninada do Peruche ia assistir aos jogos na televisão de casa. A maioria corintianos, que me tiravam o sarro quando eles ganhavam do São Paulo. Onde já se viu, gozar o dono da tevê? Mas, em 1957, depois do terceiro gol de Maurinho, devolvi tudo e eles foram saindo de fininho", lembra o boxeur, suplente de vereador pelo PDS.

A GORA, decididamente não é com torcedores discretos que se faz uma festa. Mas, sim, com gente como Paulo Machado de Carvalho — o Marechal da vitória da Copa de 1958 —, ou Maria Campos, a Filhinha, torcedora-símbolo, que se apaixonou pelo São Paulo a partir de 1949, quando viu os bailes que Leônidas da Silva dava. Ou então Miguel Ferreira Galindo, presidente-fundador da torcida organizada Juventude Tricolor, do bairro da Mooca, que não pára de culpar os dirigentes pela falta de participação dos torcedores: "Eles querem festa nas arquibancadas, mas não pagam as viagens para o interior, só contribuem com o papel higiênico, papel picado e a fumaça, que está na moda", desabafa; ou Juca Chaves, que se tornou são-paulino no 1 x 0 que o tricolor aplicou no Arsenal, da Inglaterra, quando ele era garoto: "Os jogadores usavam gorrinho e o maior palavrão do mundo de então era 'fresco'. Imagine ser chamado de fresco! Mas a verdade é que nós somos é civilizados. Falar nisso, sabem qual a diferença entre a torcida do Santos e a do Corinthians? Ambas brigam igual, só que a do Corinthians tem menos dentes". O cantor e compositor só fica bronqueado mesmo é com o hino do clube. Por isso resolveu compor esta marchinha:

*São Paulo, São Paulo, São Paulo
meu amor, meu amigo,
não abro, estou contigo,
sou torcedor Tri-co-lor.
A massa são-paulina
é gente muito fina
que torce, que torce
no futebol do Patropi
sou mais é o tricolor do Morumbi.*



Eder Jofre: "Em 1957, demos o troco neles"

RONALDO KOTSCHO



Neil Ferreira: "Precisamos de um bandido"

CARLOS NAMBA

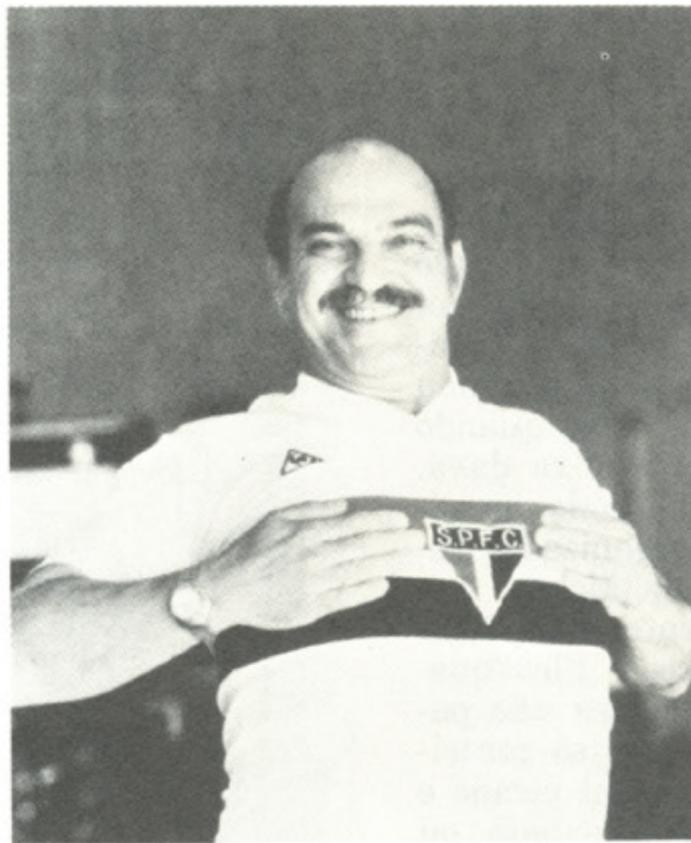
“ESSA CAMISA ME EMOCIONA”

Mineiro de nascimento, Zeca Diabo começou a admirar o tricolor quando veio para São Paulo, em 1946. E se tornou um apaixonado

“**A**DORO quando o São Paulo entra em campo. Aquela camisa tricolor me emociona, promete alegria, festa. Sou um aficionado, tenho até cadeira cativa no Morumbi. Para vocês terem uma idéia, já fui até o Uruguai assistir a jogos do São Paulo pela Libertadores. É, gosto sim. Gosto e participo. Torço e sofrô. Só não rôo as unhas. Nem arranco os cabelos porque não tenho condições técnicas (ri e alisa a careca).

Meu primeiro time foi o Comercial de Ribeirão Preto, que era o time de meu pai. Quando descobri que eu era mineiro, passei a torcer pelo Atlético. Mas só com dez, 12 anos comecei a acompanhar mais de perto o futebol. Ouvia as transmissões dos jogos, conversava com os amigos, sabia as escalações dos times... e foi bem aí que comecei a admirar o São Paulo — na época vivendo sua fase áurea. Em 1946, com 16 anos, vim para São Paulo. E resolvi assumir meu são-paulismo, em agradecimento à cidade que me acolheu tão bem e me fez feliz. Vocês já repararam como tem mineiro torcendo pelo São Paulo? É... é a maneira de o mineiro mostrar seu respeito por este time dos paulistas.

Antes de vir para São Paulo, eu só tinha assistido a rachas de roça, com bola de capotão amarrada e tento de borracha, que, quando molhava, era a maior desgraça. Mas, já no meu segundo dia em São Paulo,



SÉRGIO BEREZOVSKY

um amigo me levou para conhecer o Pacaembu e ver Corinthians x Boca Juniors. Eu já era meio são-paulino e, com a vitória do Boca, fiquei menos corintiano ainda. Inclusive, há um aspecto engraçado nisso aí. Sou um homem muito ligado ao povo. Os personagens que interpretei e a imagem que construí nesses anos todos de profissão são muitos ligados à massa. Eu mesmo reconheço que deveria ser corintiano. Mas não sou. Nem digo que sou. Se dissesse, estaria iludindo,

bajulando o povo. Quem gosta de fazer isso é político em véspera de eleição, que só quer é vestir a camisa do Corinthians e do Flamengo e sair andando por aí. Eu tento ser honesto, sempre, e procuro conquistar o público com meu trabalho — não com paixões clubísticas.

Mesmo assim, o destino nos reserva instantes curiosos. Em 1971, na novela *A Fábrica*, de Geraldo Vietri, na extinta TV Tupi, fiz o papel de Pepe, um baiano que veio para São Paulo num pau-de-arara e morava na Vila Maria. Para que outro time ele poderia torcer? Curíntia, claro! E, para fazer o personagem, precisei assistir a vários jogos do Corinthians na arquibancada para sentir a massa. O pessoal me xingava — eles já sabiam que eu era são-paulino. Eu, querendo ver a reação, retrucava. O pior é que Pepe, o personagem, era um fanático, daqueles que usava bonezinho e não tirava a camisa para

nada. Todo dia de gravação, eu vestia aquela camisa. Mas vestia como quem veste uma roupa de cena, uma roupa de cangaceiro, por exemplo. Vestia no peito, não no coração. Além do mais, eu tomava banho depois... (*ri muito*). Mas, ó, o Zeca Diabo deve ser corintiano também. Se o Vicente Mathews ainda fosse presidente, aposto que chamaria Zeca Diabo para vice.

O primeiro jogo do São Paulo a que assisti foi logo depois daquele do Boca, no mesmo Pacaembu. Foi o melhor jogo que vi até hoje. O São Paulo empatou de 3 x 3 com o River Plate. Lembro perfeitamente do time: King, Piolim, Virgílio, Zezé e Zarzur; Noronha, e Sastre; Luizinho, Leônidas, Remo e Pardal.

Teixeirinha entrou no segundo tempo. De lá pra cá, foram muitos e muitos jogos. Muitas alegrias, muitas decepções. Vi o Morumbi nascer. Quando começaram a falar na construção do estádio, fui ver o local. E acompanhei, depois, toda a construção. Nesse ponto, o São Paulo foi muito sábio. Quando o Santos apareceu com Pelé, o clube viu que não ia ter chances nos dez anos seguintes e parou de investir no time. Todo o dinheiro era para o estádio. E, ainda assim, tivemos três vice-campeonatos, com jogadores como Faustino, Bacurau, Sabino. Também já arrumei muita encrenca por causa do São Paulo. Por exemplo? Num clássico contra o Palmeiras, xinguei um jogador que estava fazendo bobagens e um grupo de feirantes, sentados atrás de mim, achou ruim. Começaram a nos chamar de 'veados' e de 'pipoqueiros'. Nós reagimos e saiu o maior quebra-pau. Batemos... Mas apanhamos pra caramba naquele dia.

É, já recebi vários convites para me candidatar em chapas de novas diretorias. Mas sinto que os cartolas só querem me usar. Quando tem eleição, eles me oferecem um lugar de conselheiro.

Mas nunca tiveram a delicadeza de me convidar para ver um jogo. Eles bem que podiam me reservar um ingresso. Afinal, artista também leva público ao estádio. Já pensou se a mulher do tercedor descobre que

aquele galã vai ao jogo? Vai pedir que o marido a leve também. Os americanos já fazem isso e é o maior sucesso. Aliás, o Vasco da Gama faz isso com Sônia Braga.

Gozações? É, às vezes a gente precisa agüentar algumas. Eu nunca escondi que era são-paulino, e o Carlos Eduardo Dollabella é flamenguista doente. Nem preciso dizer nada, porque flamenguista chato é pleonasmo. No Campeonato Brasileiro, no jogo entre São Paulo x Flamengo, no Maracanã, o tricolor estava vencendo por 2 x 0 no primeiro tempo. Eu já estava tirando minha camisa da gaveta para desfilar nos corredores da Globo no dia seguinte. Mas, no segundo tempo, o Flamengo começou a reagir: 1 x 2, 2 x

2... Eu gritava para os jogadores: 'Marquem o Adílio! Marquem o Adílio!' Não adiantou. O Flamengo marcou o terceiro e virou o jogo. E os três gols nasceram das jogadas do Adílio. Não preciso dizer a minha cara no dia seguinte. Penei.

Vou ser sempre são-paulino. Os jogadores passam, mas as três cores permanecem. Sei que os jogadores não são deuses. Como ator, às vezes também me sinto cobrado dessa forma. Por isso só reclamo quando vejo que foi burrice da diretoria ou estupidez do técnico. Fico fulo, por

exemplo, quando lembro que o São Paulo deixou escapar Sócrates porque ele era caro.

No time atual, só precisamos de dois ou três reforços. O meio-campo precisa ter mais personalidade. Tenho saudade de Noronha, de Renganeschi. Eles sabiam se impor, sabiam discutir. Não reclamavam sem argumento, para serem expulsos em seguida, entenderam? Em casa, todos são são-paulinos. Minha filha (*Débora Duarte, atriz da Globo*) é mais fanática que eu. Tenho um filho que mora no Rio e estou fazendo a maior campanha para ele não torcer pelo 'Vasssco' (*diz, imitando carioca*). Eu mato ele! Time de mineiro, no Rio, é Botafogo. Mas minha grande preocupação é mesmo com os dois netos. Deram para querer a camisa do Corinthians. Acho que é só para chatear o avô e os pais. Ah, mas, se eles virarem corintianos, juro que vou renegar os dois!" □

**“Já fui até ao
Uruguai para ver
meu São Paulo.
Eu participo, torço
e sofro. Só não
rôo as unhas.
Nem arranco os
cabelos, porque
não tenho
condições técnicas”**

13 VEZES CAMPEÃO

Aqui, tudo sobre os títulos regionais que o São Paulo conquistou em sua história: os times, os artilheiros, as grandes finais

1931

Campeão. Time-base: Joãozinho, Clodô e Bartô; Milton, Bino e Fábio; Luisinho, Armandinho, Friederich, Araken e Junqueira.

1943

Campeão. Time-base: King, Virgílio e Piolin; Bauer (Zarzur), Zezé Procópio e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Pardal (Teixeirinha). *Campanha:* 4 x 1, 2 x 1, Comercial; 1 x 2, 2 x 1, Ipiranga; 5 x 1, 2 x 1, São Paulo Railway; 4 x 3, 3 x 2, Jabaquara; 1 x 1, 3 x 0, Portuguesa; 1 x 2, 2 x 0, Corinthians; 1 x 1, 3 x 2, Juventus; 6 x 1, 4 x 1, Santos; 8 x 1, 9 x 0, Port. Santista; 2 x 1, 0 x 0, Palmeiras. *Resumo:* J, 20; V, 15; E, 3; D, 2; GP, 63; GC, 22; S, 41. *Artilheiros:* Leônidas com 15; Sastre, 13; Luisinho, 12; Remo, 9; Anito e Teixeira, 4; Pardal, 3; Noronha, 2; Bazzoni, 1.

1945

Campeão. Time-base: King, Piolin e Virgílio; Bauer, Rui (Zarzur) e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira. *Campanha:* 6 x 2, 12 x 1, Jabaquara; 3 x 1, 3 x 2, Ipiranga; 3 x 0, 1 x 1, Palmeiras; 4 x 1, 1 x 0, Juventus; 3 x 2, 1 x 2, Corinthians; 1 x 1, 4 x 0, Santos; 4 x 1, 6 x 1, São Paulo Railway; 4 x 1, 2 x 1, Comercial; 2 x 1, 2 x 1, Portuguesa; 5 x 0, 5 x 1, Port. Santista. *Resumo:* J, 20; V, 17; E, 2; D, 1; GP, 72; GC, 20; S, 20. *Artilheiros:* Leônidas com 16; Teixeira, 13; Sastre e González, 10; Luisinho e Remo, 9; Pardal, 1.

1946

Decisão

SÃO PAULO 2 X CORINTHIANS 1

Local: Pacaembu (São Paulo). Juiz: João Etzel; Gols: Remo, Leônidas e Baltazar; Expulsão: Aleixo. **SÃO PAULO:** Gijo, Piolin e Renganeschi; Rui, Bauer e Noronha; Luisinho, Sastre, Leônidas, Remo e Teixeira. **CORINTHIANS:** Bino, Domingos e Aldo; Palmer, Hélio e Aleixo; Cláudio, Baltazar, Servílio, Rui e Válder. *Campanha:* 4 x 0, 4 x 0, Jabaquara; 5 x 2, 2 x 0, Port. Santista; 3 x 1, 2 x 0, São Paulo Railway; 4 x 3, 1 x 0, Ipiranga; 7 x 3, 7 x 0, Juventus; 2 x 1, 2 x 1, Corinthians; 1 x 1, 1 x 1, Portuguesa; 6 x 2, 4 x 2, Comercial; 3 x 2, 2 x 0, Santos; 1 x 1, 1 x 0, Palmeiras. *Resumo:* J, 20; V, 17; E, 3; GP, 62; GC, 20; S, 42. *Artilheiros:* Teixeira com 14; Leônidas, 12; Luisinho e Remo, 10; Yeso, 4; González e Sastre, 2; Arias, Rui e Renganeschi, 1.

1948

Campeão. Time-base: Mário, Savério e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; China, Lelé (Ponce de Leon), Leônidas, Remo e Teixeira. *Campanha:* 2 x 2, 3 x 0, Comercial; 6 x 1, 4 x 2, Nacional; 1 x 2, 8 x 0, Juventus; 2 x 0, 2 x 0, Port. Santista; 2 x 0, 2 x 0, Corinthians; 3 x

2, 3 x 1, Ipiranga; 2 x 1, 3 x 3, Palmeiras; 1 x 0, 2 x 0, Jabaquara; 2 x 0, 2 x 1, Portuguesa; 3 x 2, 1 x 2, Santos. *Resumo:* J, 20; V, 16; E, 2; D, 2; GP, 54; GC, 19; S, 35. *Artilheiro:* Leônidas com 11; Ponce de Leon, 10; China, 8; Lelé, 7; Remo e Teixeira, 5; Yeso, 3; Bauer e Noronha, 2; Neca, 1.

1949

Campeão. Time-base: Mário (Poy), Savério e Mauro; Bauer, Rui e Noronha; Friaça, Ponce de Leon, Leônidas, Remo e Teixeira. *Campanha:* 2 x 0, 0 x 2, XV de Piracicaba; 1 x 0, 5 x 0, Nacional; 7 x 2, 4 x 0, Comercial; 0 x 0, 3 x 3, Portuguesa; 4 x 1, 4 x 0, Jabaquara; 5 x 1, 4 x 2, Palmeiras; 3 x 1, 2 x 2, Port. Santista; 0 x 1, 3 x 1, Santos; 5 x 1, 5 x 1, Ipiranga; 3 x 2, 3 x 3, Corinthians; 8 x 2, 1 x 0, Juventus. *Resumo:* J, 22; V, 16; E, 3; D, 3; GP, 72; GC, 25; S, 47. *Artilheiros:* Friaça com 24; Leônidas, 13; Teixeira, 10; Ponce de Leon, 7; Remo, 6; China, 3; Bauer, Lelé e Silveira, 2; Noronha, 1.

1953

Campeão. Time-base: Poy, De Sordi e Mauro; Pé de Valsa, Bauer e Alfredo; Maurinho, Abella, Gino, Negri e Teixeira. *Campanha:* 6 x 1, 2 x 0, Comercial; 3 x 0, 3 x 1, XV de Jaú; 1 x 1, 4 x 2, XV de Piracicaba; 4 x 1, 4 x 0, Nacional; 1 x 0, 2 x 0, Juventus; 1 x 0, 0 x 0, Ponte Preta; 3 x 0, 3 x 2, Guarani; 4 x 1, 1 x 0, Ipiranga; 3 x 1, 2 x 1, Palmeiras; 4 x 2, 1 x 4, Linense; 2 x 0, 0 x 1, Portuguesa; 1 x 0, 3 x 1, Corinthians; 2 x 0, 3 x 0, Port. Santista; 4 x 1, 3 x 1, Santos. *Resumo:* J, 28; V, 24; E, 2; D, 2; GP, 70; GC, 21; S, 49. *Artilheiros:* Maurinho e Abella com 17; Gino, 14; Teixeira, 6; Haroldo, Nenê e Negri, 3; Marucci e Machado, 2; gols contra, 3.

1957

Decisão — 29/dezembro/57

SÃO PAULO 3 X CORINTHIANS 1

Local: Pacaembu (São Paulo); Juiz: Alberto da Gama Malcher; Gols: Amauri 17, Canhoto 20, Rafael 23 e Maurinho 36 do 2.º. **SÃO PAULO:** Poy (Waldemar), De Sordi e Mauro (Atílio); Sarará (Ademar), Vítor e Riberto; Maurinho, Amauri (Dino), Gino, Zizinho e Canhoto. **CORINTHIANS:** Gilmar, Olavo e Oreo; Idário, Valmir e Benedito; Cláudio, Luizinho, Índio, Rafael e Zague. *Campanha:* 1 x 1, 0 x 0, Botafogo; 2 x 0, 2 x 1, Jabaquara; 5 x 1, 3 x 2, Port. Santista; 0 x 4, 3 x 1, Portuguesa; 2 x 0, 6 x 2, Ponte Preta; 4 x 2, 1 x 0, Palmeiras; 7 x 1, 5 x 3, XV de Piracicaba; 6 x 2, 2 x 2, Santos; 1 x 1, 3 x 1, Corinthians. *Resumo:* J, 18; V, 13; E, 4; D, 1; GP, 53; GC, 24; S, 29. *Artilheiros:* Gino com 13; Amaury, 10; Maurinho, 9; Canhoto, Dino Sani e Zizinho, 5; Celsinho, 2; Olinto e Riberto, 1; gols contra, 2.

1970

13/setembro/70

SÃO PAULO 1 X CORINTHIANS 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Vital Gilbert Loraux; Renda: Cr\$ 364 676; Gol: Paraná 19 do 1.º. SÃO PAULO: Sérgio, Forlan, Jurandir, Dias e Gilberto; Édson e Nenê; Paulo, Terto (Zé Roberto), Toninho e Paraná. CORINTHIANS: Ado, Miranda, Ditão, Luís Carlos e Pedrinho; Suíngue, Tião e Rivelino; Paulo Borges, Servílio e Célio (Benê). Obs.: Último jogo do campeonato e serviu só para cumprimento de tabela. Campanha: 1 x 2, 1 x 0, Portuguesa; 1 x 0, 3 x 0, São Bento; 2 x 2, 2 x 0, Ponte Preta; 3 x 2, 3 x 2, Santos; 2 x 1, 0 x 2, Ferroviária; 1 x 1, 1 x 0, Corinthians; 2 x 1, 4 x 0, Botafogo; 1 x 0, 0 x 1, Palmeiras; 0 x 0, 2 x 1, Guarani; Resumo: J, 18; V, 12; E, 3; D, 3; GP, 26; GC, 15; S, 11. Artilheiros: Toninho com 13; Terto, 4; Forlan e Édson, 3; Miruca, 2; Dias, Paulo e Paraná, 1; Gol contra, 1.

1971

Decisão — 27/junho/71

SÃO PAULO 1 X PALMEIRAS 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Armando Marques; Renda: Cr\$ 913 196; Público: 115 000; Gol: Toninho 6 do 1.º; Expulsão: Fedato e Eurico. SÃO PAULO: Sérgio, Forlan, Jurandir, Arlindo e Gilberto; Édson, Gérson e Pedro Rocha (Carlos Alberto); Terto, Toninho e Paraná. PALMEIRAS: Leão, Eurico, Luís Pereira, Minuca e Dé; Dudu, Ademir da Guia e Leivinha; Edu, César e Pio (Fedato). Campanha: 3 x 1, 1 x 0, Juventus; 2 x 3, 4 x 1, Portuguesa; 4 x 2, 3 x 2, Paulista; 2 x 1, 1 x 0, Palmeiras; 2 x 1, 2 x 1, Ferroviária; 1 x 1, 0 x 1, Corinthians; 3 x 1, 3 x 0, São Bento; 1 x 0, 2 x 1, Botafogo; 1 x 0, 1 x 0, Ponte Preta; 0 x 1, 0 x 0, Santos; 1 x 0, 2 x 0, Guarani. Resumo: J, 22; V, 17; E, 2; D, 3; GP, 38; GC, 21; S, 17. Artilheiros: Serginho com 15; Pedro Rocha e Terto, 5; Paraná, Gérson e Téia, 3; Édson, 2; Forlan, 1; gol contra, 1.

1975

17/agosto/75

SÃO PAULO 0 X PORTUGUESA 1

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Dulcídio Wanderley Boschilia; Renda: Cr\$ 1 268 735; Público: 57 137; Gol: Eneas 31 do 1.º; Cartão amarelo: Dicá, Terto e Santos; Expulsão: Murici. SÃO PAULO: Waldir Peres, Nélsion, Paranhos, Samuel e Gilberto; Chicão, Pedro Rocha e Zé Carlos (Silva); Terto, Serginho e Murici. PORTUGUESA: Zecão, Cardoso, Mendes, Calegari e Santos; Badeco, Dicá e Antônio Carlos; Tatá, Eneas e Wilsinho. Obs.: Na prorrogação, 0 x 0. Nos pênaltis, 3 x 0, com gols de Pedro Rocha, Serginho e Chicão. Campanha: 4 x 0, 1 x 0, Paulista; 1 x 0, 1 x 1, Palmeiras; 2 x 0, 3 x 1, Comercial; 4 x 0, Ferroviária; 0 x 0, Guarani; 2 x 1, 3 x 1, Marília; 1 x 0, América; 2 x 0, Corinthians; 1 x 0, XV de Piracicaba; 0 x 0, 1 x 1, Portuguesa; 1 x 0, 3 x 0, Port. Santista; 2 x 1, Ponte Preta; 1 x 0, 4 x 2, Botafogo; 3 x 2, Juventus; 2 x 0, 1 x 0, Santos; 2 x 1, 3 x 0, São Bento; 1 x 0, Saad; 0 x 0, 5 x 0, Noroeste. Fase final: 0 x 0, Palmeiras; 1 x 0, América; 1 x 2, Santos; 2 x 1, Corinthians; 1 x 1, 0 x 1, Portuguesa. Resumo: J, 34; V, 25; E, 7; D, 2; GP, 57 (os gols de pênalti da decisão não foram computados); GC, 16; S, 4. Artilheiros: Serginho com 21; Pedro Rocha, 9; Terto e

Chicão, 5; Murici e Mauro, 4; Zé Carlos e Gilberto, 2; Eron, Piau e Liminha, 1; Gols contra, 2.

1980

Decisão — 19/novembro/80

SÃO PAULO 1 X SANTOS 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Oscar Scolfaro; Renda: Cr\$ 8 952 330; Público: 61 130; Gol: Serginho 40 do 1.º. SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Oscar, Darío Pereyra e Airton; Almir, Heriberto e Renato (Alexandre Bueno, 32 do 2.º); Paulo César, Serginho (Assis, 32 do 2.º) e Zé Sérgio. Técnico: Carlos Alberto Silva. SANTOS: Marolla, Nélsion, Joãozinho, Neto e Washington; Toninho Vieira, Rubens Feijão (Claudinho, 11 do 2.º) e Pita; Nilton Batata, Campos e João Paulo (Aluísio, 27 do 2.º). Técnico: Pepe. Campanha: 1 x 1, 1 x 0, América; 2 x 0, 1 x 0, Ferroviária; 1 x 1, 1 x 0, Portuguesa; 3 x 1, 1 x 0, Noroeste; 0 x 0, 3 x 1, XV de Jaú; 2 x 0, 0 x 0, Marília; 1 x 2, 1 x 1, São Bento; 1 x 0, 1 x 1, XV de Piracicaba; 0 x 1, 2 x 0, Taubaté; 1 x 2, 2 x 0, Botafogo; 0 x 2, 1 x 0, Juventus; 1 x 1, 1 x 1, Franca; 0 x 1, 1 x 0, Comercial; 1 x 0, 3 x 0, Palmeiras; 2 x 1, 1 x 1, Internacional de Limeira; 1 x 0, 4 x 0, Corinthians; 0 x 1, 0 x 0, Ponte Preta; 2 x 2, 1 x 1, Santos; 2 x 2, 1 x 3, Guarani. Fase semifinal: 1 x 2, 2 x 1, Internacional; 2 x 1, 0 x 1, Ponte Preta. Final: 1 x 0, 1 x 0, Santos. Resumo: J, 44; V, 22; E, 13; D, 9; GP, 54; GC, 23; S, 31. Artilheiros: Serginho com 12; Getúlio, 8; Assis, 7; Zé Sérgio, 6; Paulo César, 5; Renato, 4; Airton Lira, 3; Nei e Zizinho, 2; Marião, Darío Pereyra, Tatu e Heriberto, 1; Gol contra, 1.

1981

Decisão — 25/novembro/81

SÃO PAULO 2 X PONTE 0

Local: Morumbi (São Paulo); Juiz: Dulcídio Wanderley Boschilia; Renda: Cr\$ 21 488 900; Público: 63 841; Gols: Renato 37 do 1.º e Serginho 41 do 2.º; Cartão amarelo: Paulo César, Édson e Tatu. SÃO PAULO: Waldir Peres, Getúlio, Gasssem (Nei, 29 do 2.º), Darío Pereyra e Marinho; Almir, Renato e Heriberto; Paulo César (Tatu, 16 do 2.º); Serginho e Mário Sérgio. Técnico: Formiga. PONTE PRETA: Carlos, Toninho Oliveira, Juninho, Nenê e Odirlei; Zé Mário, Marco Aurélio e Dicá; Édson (Abel, intervalo), Chicão (Humberto, 37 do 2.º) e Osvaldo. Técnico: Jair Picerni. Campanha: 0 x 1, 3 x 0, Botafogo; 0 x 0, 1 x 1, Portuguesa; 3 x 0, 3 x 0, Franca; 0 x 0, 3 x 0, Noroeste; 0 x 3, 6 x 2, Palmeiras; 0 x 0, 3 x 0, São José; 0 x 0, 2 x 1, Juventus; 1 x 2, 0 x 1, Ferroviária; 3 x 0, 3 x 2, Santos; 0 x 1, 1 x 2, Comercial; 1 x 1, 2 x 0, XV de Jaú; 1 x 2, 1 x 2, Ponte Preta; 0 x 1, 1 x 0, América; 3 x 0, 0 x 0, Internacional; 2 x 1, 1 x 1, Corinthians; 0 x 1, 2 x 1, Taubaté; 1 x 0, 0 x 1, São Bento; 4 x 1, 2 x 1, Marília; 1 x 0, 2 x 3, Guarani. Octogonal decisivo do 1.º turno: 4 x 1, 2 x 0, Franca; 4 x 1, 2 x 1, Noroeste; 0 x 1, 0 x 1, Taubaté; 1 x 0, Palmeiras; 1 x 1, Corinthians. Octogonal decisivo do 2.º turno: 2 x 0, 0 x 1, Corinthians; 1 x 1, 1 x 1, Guarani; 1 x 0, 1 x 0, XV de Jaú; 0 x 1, 3 x 2, São José. Finais: 1 x 1, 2 x 0, Ponte Preta. Resumo: J, 56; V, 28; E, 12; D, 16; GP, 82; GC, 45; S, 37. Artilheiros: Serginho com 20; Renato, 16; Éverton, 11; Tatu, 8; Getúlio, 6; Paulo César, 5; Mário Sérgio e Valtinho, 3; Édson, Elvío e Darío Pereyra, 2; Oscar, Marinho e Heriberto, 1; Gol contra, 1. □



A taça de 1981

Da fundação até hoje, o São Paulo sempre teve as mesmas cores, a mesma bandeira, o mesmo uniforme e o mesmo distintivo, desenhado na própria reunião de fundação do clube por Walter Oliver.

A bandeira oficial do São Paulo é branca com o distintivo do clube no meio, sobre duas faixas horizontais, uma vermelha, em cima, e uma preta, embaixo. O tricolor tem dois uni-

formes. O primeiro, camisa branca com duas faixas — uma vermelha e outra preta — horizontais no meio, o distintivo no centro; calções brancos com duas listas verticais nas suas laterais; meias brancas com duas listas junto ao joelho. O outro é vermelho, com listas verticais brancas, pretas e vermelhas. O símbolo do São Paulo é a figura do simpático santo, ostentando vasta barba branca.



Editora Abril

Editor e Diretor: VICTOR CIVITA

Diretores: Roberto Civita, Edgard de Sílvia Faria, Thomaz Souto Corrêa, Angelo Rossi, José Augusto P. Moreira, Roger Karman, Plácido Loriggio, Ricardo A. Fischer

PLACAR

Diretor-Gerente: Thomaz Souto Corrêa
REDAÇÃO

Diretor: Juca Kfour
Redator-Chefe: Sérgio de Souza
Editor de Projetos Especiais: Paulo Patarra
Equipe especial
Editor: Palmério Dória
Coordenador de Reportagem: João Carlos Rodriguez
Redatores: Fernando Del Corso e Nilcéia Nogueira
Repórteres: Hideki Takizawa, Hélio de Alcântara, Francisco Malliani, Sérgio A. Carvalho, Divino Fonseca e Roberto José da Silva
Arte: Omar Grassetti (editor), Afonso Luiz Grandjean Pinto (chefe), Alberto S.L. Magalhães, Néelson Alves, Sérgio Prado Martins e Walter Mazzuchelli (assistentes), José Dionísio Filho, José da Luz Tenório e Nilson Piovesan (paste-up)
Fotografia: Sérgio Berezovsky (editor), Nico Esteves e Ricardo Kotscho, Ricardo Beliel, Rodolpho Machado, Armênio Abascal, Sérgio Sade e Lemyr Martins; Joel Sampaio e José Adolfo de Granville Ponce (colaboradores)
Secretário de Redação: Hélio Moreira da Silva
Assistentes de Redação: Araci Rosa, Marcelo Duarte e Rita de Cássia Nevado
Preparadores de Textos: José Gustavo Vasconcelos e Sílvia Arruda Nascimento
Secretário de Produção: Jurandir Xavier Chamusca
Auxiliar de Produção: René Santos Filho
Arquivo: Pedro Alvares Cabral e Néelson Gonçalves Coelho
Secretários: Rafael Vieira Filho e Zeugma Sgroi

SUCURSAIS

Rio: Marcelo Rezende (chefe de redação), Hideki Takizawa, Maria Helena Araújo, Regina Echeverria e Tim Lopes (repórteres); Ricardo Beliel, Rodolpho Machado (fotógrafos); Belo Horizonte: Sérgio A. Carvalho (repórter), Armênio Abascal (fotógrafo); Curitiba: Roberto José da Silva (repórter), Sérgio Sade (fotógrafo); Porto Alegre: Divino Fonseca (repórter), Lemyr Martins (fotógrafo); Recife: Lenivaldo Aragão (repórter); Salvador: Washington de Souza Filho (repórter)

Correspondentes Internacionais

Alemanha: Guilherme Dieken; Argentina: José Meirelles Passos; EUA — Nova York: Odílio Licetti (chefe) e Marco Antônio de Menezes; Washington: Roberto Garcia; França: Pedro de Souza; Inglaterra: Alessandro Porro e Jäder de Oliveira; Itália: Gerardo Landolfo

SERVIÇOS EDITORIAIS

Diretor: Pierluigi Bracco
Abril Press: João Carlos Geroldo (gerente), Escritórios - Milão - Laura Censi (chefe) - International Business Centre - Corso Europa, 12 - Phone 02-54-56331 e 54-56212-20122, Milano - Telex: 313585 e 332809 - Nova York - Odílio Licetti (chefe), Lincoln Building, 60 East 42nd Street, Suite 3403, New York, N.Y., 10165 - Telex: 237670, Phone (212)557-5990/5993 - Paris - Pedro de Souza (chefe), 33, av. Champs Elysées, 2.º Bureau 213Bis214, Paris 75008, Phone 225-5865, Telex: ABRILPA 660731F
Depto. de Documentação: Auta Rojas Barreto (gerente)
Serviços Fotográficos: Pedro Martinelli (gerente)

COMERCIAL

Diretor de Circulação: Márcio Valente
Gerente Comercial: Wanderlei A. Medeiros

PUBLICIDADE

Diretor de Publicidade, Divisão: Oswaldo de Almeida Filho
Gerente de Publicidade: José Filinto da Silva Neto; representantes: Fábio de Almeida e Thyrso Pinto Bandeira Filho
Coordenação de Publicidade: Tiekko Kuniyuki
Rio: Sebastião Martins (diretor); Mauro R. Bentes (gerente); Aldano Alves, Ana Maria Salgado, Angelo J. Neci, Carlos Alberto F. Rodrigues, Eduardo Andréa S. Sê, Paulo Roberto F. Cunha e Ricardo O. Lima (representantes)
Belo Horizonte: Valtér Cruz Gonçalves (supervisor)
Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Curitiba: Angelo Costi
Florianópolis: Geraldo Nilson de Azevedo
Fortaleza: Roseli M. Pereira da Silva
Porto Alegre: Elcenho Engel
Recife: Geraldo Amaro Rodrigues
Salvador: Fernando Loureiro
Gerente de Anúncios p/ Terceiros: Cecil Rowlands F.º
Diretor Editorial Adjunto: Alberto Dines
Diretor de Marketing Publicitário: Julio Così Jr.
Diretor Escritório Rio: Sebastião Martins
Diretor Escritório Brasília: Luiz Edgard P. Tostes
Diretor Administrativo: Marcus Vinicius Ramos Vieira
Diretora de Pesquisa e Análise de Mercado: Sonia Novinsky

Diretor Responsável: Oswaldo Franco Domingues Jr.

PLACAR é uma publicação da Editora Abril S.A. Redação, Publicidade, Administração e Correspondência: rua Geraldo Flausino Gomes, 61, 8.º and., tel. 545-8312 (redação), 545-8324 (publicidade), cx. postal 2372, telex (011)23227, 23322 e 24134, São Paulo/Telex em Nova York: EDABRIL 237670/Escritórios: Belo Horizonte: r. Amoreiras, 388, 2.º andar, salas 201 a 208, fone (031)224-4855, telex: (031)1085, telegramas: Abrilpress; Brasília: SCS - 6, Edif. Central, 10.º, 12.º e 13.º ands., tel.: (061)224-9150, telex: (061)1464, telegramas: Abrilpress; Florianópolis: r. Osmar Cunha, 15 - 2.º and. - c/214 Bloco A - tel.: (048)222-7826; Curitiba: r. Fernandes de Barros, 491, 1.º and., tel.: (041)262-8833, telex: (041)5278, telegramas: Abrilpress; Porto Alegre: r. General Caldwell, 670 e 678, tel.: (051)233-2899, telex: (051)1092, telegramas: Abrilpress; Recife: av. Dantas Barreto, 1186, Edif. San Rafael, cor. 903-904, tel.: (081)224-0977, telex: (081)1184, telegramas: Abrilpress; Rio de Janeiro: r. da Passagem, 123, 6.º ao 11.º ands., Botafogo, tel.: (021)295-5282, cx. postal 2372, telex: (021)22674; Salvador: r. Itabuna, 304, tel.: (071)247-3999, telex: (071)1180, telegramas: Abrilpress; Distribuidor nos EUA: M&Z REPRESENTATIVES, 112 Ferry Street, Newark, N.J., 07105, tel.: (201)589-2794; Preço do exemplar avulso: o constante na capa. Ninguém está credenciado a angariar assinaturas: se for procurado por alguém denuncie-o às autoridades locais. Números atrasados: ao preço da última edição em banca, por intermédio de seu jornaleiro ou no distribuidor de sua cidade. Pedidos pelo Correio: cx. postal 60171; São Paulo, telex (011)33670 ABSA. Não mande dinheiro. O pagamento, inclusive despesas postais, será feito na retirada da encomenda na agência do Correio. Todos os direitos reservados. Distribuída com exclusividade no país pela Abril S.A. Cultural. São Paulo. As opiniões dos artigos assinados não são necessariamente as adotadas por esta revista, podendo até ser contrárias à mesma.

IMPRESSA NA DIVISÃO GRÁFICA DA EDITORA ABRIL S.A.



**GANHE
NO ESPAÇO
COM A VERSÁTIL**



Lindo painel decorativo.

A **VERSÁTIL** da BIS-LAR é uma mesa que vale por 5: mesa de trabalho, de refeições para toda a família, escritório, snooker e lindo painel decorativo. Com acabamento de primeira, em madeira de cerejeira maciça, a **VERSÁTIL** tem garantia do próprio fabricante. É ótima até quando você não precisa dela. Além de não ocupar espaço, na hora de guardar, basta virá-la na posição vertical para transformar a **VERSÁTIL** num bonito painel decorativo.

Divertida mesa de snooker.



Mesa para trabalho.



Acompanham 6 práticas banquetas.

**VERSÁTIL
JÁ VEM
COMPLETINHA!**

- 6 práticas banquetas
- 4 tacos especiais
- 8 bolas
- giz



Prancheta de desenho.



Mesa para refeições.



**ESPECIFICAÇÕES
TÉCNICAS**

(Versátil e Tak-Bol)
Dimensões: 1,65m x 0,90 m
Altura: 0,80 m
Pés: giratórios e reguláveis

**E VIRE
O JOGO COM
A TAK-BOL**

Em matéria de lazer, **TAK-BOL** dá o lance maior com duas opções geniais, em jogos de **Snooker** e **Pebolim** quando você gira o tempo. **TAK-BOL** é fabricada em **cerejeira maciça** para você ganhar também na qualidade e resistência. E vem acompanhada de:

- 8 bolas para snooker
- 4 tacos especiais
- 7 bolas para pebolim
- giz

Vire e transforme a **TAK-BOL** numa mesa de pebolim.



Não ocupa espaço quando não usada.

Outra exclusividade são os varões do pebolim, que não atravessam fora da mesa, dando total segurança.

**GARANTIDA PELO
PRÓPRIO FABRICANTE.**

A **VERSÁTIL** e a **TAK-BOL** são vendidas exclusivamente pelo próprio fabricante. Ligue já, sem compromisso. Ou faça o seu pedido de qualquer parte do Brasil.



TAK-BOL
Mesa de pebolim



TAK-BOL
Mesa de snooker



Av. Rebouças, 2736 - São Paulo - SP
Fones: (011) 282-3673 - 853-3145 -
881-9447 - CEP 05402
Estacionamento Próprio.

SÃO PAULO DE SONHO

José **POY**, 16/4/26, Rosario, Argentina — Segurança e seriedade foram suas maiores qualidades.

Nilton **DE SORDI**, 14/2/31, Piracicaba, SP — Lateral defensivo, não foi um jogador excepcional, mas era de eficiência incomum no desarme. Na Copa de 1958, só não jogou a última partida, contra a Suécia.

MAURO Ramos Oliveira, 30/8/30, Poços de Caldas, MG — Jogava bonito e elegante. Por isso ganhou o apelido de Martha Rocha. Reserva nas Copas de 1954 e 58, foi titular e capitão em 1962.

RUI Campos, 2/2/22, São Paulo, SP — Foi o grande comandante da linha média mais famosa do São Paulo: Rui, Bauer e Noronha.

Alfredo Eduardo **NORONHA**, 25/9/18, Porto Alegre, RS — Jogava com a mesma facilidade nas três antigas posições da intermediária (meio-esquerdo, médio-direito e centro-médio).

José Carlos **BAUER**, 21/11/25, São Paulo, SP — Ganhou o título de Monstro do Maracanã na Copa de 1950. Foi capitão na de 1954.

GÉRSON de Oliveira Nunes, 11/1/41, Niterói, RJ — O Canhotinha de Ouro sempre foi líder na maioria dos clubes em que jogou. Grande lançador.

Antônio **SASTRE**, 27/4/11, Lomas da Zamorra, Argentina — O Maestro foi cérebro do tricolor nos três anos em que jogou — de 1943 a 46.

Luís Mesquita de Oliveira, o **LUISINHO**, 20/3/11, Rio de Janeiro, RJ — Um dos mais hábeis e velozes dribladores do futebol brasileiro. Titular nas Copas de 1934 e 38.

LEÔNIDAS da Silva, 6/9/13, Rio de Janeiro, RJ — Artilheiro da Copa de 1938, na França, tornou-se um dos maiores centroavantes do futebol brasileiro.

Jose Ribamar de Oliveira, **CANHOTEIRO**, 24/9/1932, Coroatá, MA — Maior driblador brasileiro depois de Garrincha, era também um grande chutador e cabeceador. Morreu pobre em São Paulo, a 16 de agosto de 1974.

De Sordi (1952-65)
Poy (1949-63)
Mauro (1948-60)
Rui (1944-53)
Bauer (1946-54)
Noronha (1942-52)

Luisinho (1935-46)
Sastre (1943-46)
Leônidas (1942-51)
Gérson (1969-73)
Canhotoeiro (1954-63)



*Alguém pode discordar aqui e ali. Unanimidade,
como se sabe, é coisa cada vez mais rara.
Mas, sem dúvida, este é um São Paulo eterno*



ILUSTRAÇÃO GEPP E MAIA

DESDE o 16 de dezembro de 1935, uma legião de heróis construiu a história do tricolor, com façanhas inesquecíveis, tanto no início dos anos 50, no acanhado Canindé — onde hoje se ergue o estádio da Portuguesa de Desportos —, como no gigantesco Morumbi, a partir de 1960.

Mas são os ídolos do passado, jogadores com técnica, raça ou as duas coisas, que desafiam o tempo e permanecem intocáveis na memória dos são-paulinos. Computados os votos, o melhor São Paulo de todos os tempos não apresenta nenhum dos grandes jogadores da atualidade.

Assim é que Poy — mesmo sem ter sido grande ídolo, mesmo sem ter participado de três Copas como Waldir Peres — foi escolhido para o gol. E Waldir não foi o único derrotado: goleiros brilhantes como Gijo e King se curvaram às excelências deste argentino de Rosario.

Na lateral-direita, De Sordi foi uma espécie de Poy: nunca tão brilhante quanto o velho Piolim (o segundo mais votado), mas eficiente a ponto de ser levado à Seleção na Copa de 1958. A seu lado, Mauro Ramos de Oliveira, de estilo refinado, limpo e compe-

tente, foi o preferido dos eleitores, vencendo Belini e até mesmo Oscar.

Mas é na linha média, com Rui de quarto-zagueiro, Noronha na lateral-esquerda e Bauer de centromédio, que reside a força maior do su-▷



Poy: o amor à camisa lhe deu o lugar na Seleção

TENENTE PERDE CASA E FAZ HINO

Um dos fundadores e mais fanáticos torcedores da história do São Paulo, o general e farmacêutico Porfírio da Paz, fez a música e letra do hino oficial do clube num dia em que, por falta de pagamento, o então tenente da Força Pública perdera sua casa. "Fiquei desolado, andei de um lado para o outro sem saber o que fazer. Nervoso, comecei a cantarolar *Salve o Tricolor Paulista* para tentar aliviar a tensão. De repente, percebi que a frase poderia ser um bom início do hino do São Paulo. Compus

o resto ali mesmo."
*Salve o tricolor paulista,
 Amado clube brasileiro,
 Tu és forte, tu és grande
 Dentre os grandes, és o primeiro.
 Oh, Tricolor,
 Clube bem-amado,
 As tuas glórias
 Vêm do passado.
 São teus guias brasileiros,
 Que te amam eternamente,
 De São Paulo tens o nome
 Que ostentas dignamente.
 Oh, Tricolor,
 Clube bem-amado,*

*As tuas glórias
 Vêm do passado.
 Trazes glórias luminosas
 Do paulistão imortal,
 Da floresta também trazes
 Um brilho tradicional.
 Oh, Tricolor,
 Clube bem-amado,
 As tuas glórias
 Vêm do passado.
 São Paulo, clube querido,
 Tu tens o nosso amor,
 Teu nome e tuas glórias
 Têm honra e esplendor.
 Oh, Tricolor...*

Você é picado por mosquitos?

Enfim um repelente de mosquitos eficaz!

Este incrível "anti-picadas" é um pequeno emissor de ondas, de dimensões reduzidas. Seu raio de ação é de mais de 6 metros. Mais de 100.000 pessoas já o utilizaram na Inglaterra e na França.

Finalmente eliminados os riscos de intoxicação química.

Eis como funciona. Os mosquitos que picam o homem são **fêmeas fecundadas**.

Algumas espécies se alimentam de plantas, outras têm necessidade das proteínas do sangue para alimentar seus ovos.

O "ANTI-PIC" emite vibrações ultra-sônicas quase inaudíveis ao ouvido humano.

Ele é concebido de modo a que as vibrações emitidas lembrem a presença de um macho. De acordo com o que sabem os entomologistas, as fêmeas, uma vez fecundadas, tentam evitar qualquer outro contato com os machos, e fogem.

Eis a razão do incrível sucesso alcançado pelo "ANTI-PIC" nos países em que foi lançado. "ANTI-PIC" é indispensável para os veranistas, pescadores, campistas, excursionistas, enfim, para todos aqueles que querem acabar com o desconforto das picadas de mosquito.

Aproveite a incrível proposta que lhe fazemos

O "ANTI-PIC" está sendo lançado no Brasil ao preço de Cr\$ 29.980,00, e nós estamos tão seguros de que você não vai querer se separar dele, que lhe oferecemos uma garantia de devolução de dinheiro válida para um ano.

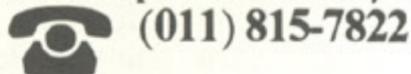
Caso você não fique absolutamente satisfeito, bastará nos devolver seu "ANTI-PIC" (acompanhado da 1ª via da nota fiscal de compra) para ter todo o seu dinheiro de volta.

Experimente-o. Com esta garantia, você não tem nada a perder. Exceto, temos certeza, as picadas de mosquito.

GARANTIA TOTAL

Você deve ficar 100% encantado com seu "eliminador eletrônico de insetos". Caso contrário, devolva-o antes de um ano, que nós nos comprometemos a devolver o valor integral de sua compra (menos despesas postais e de reembolso), o mais tardar 5 dias após termos recebido sua devolução.

Envie hoje mesmo o cupom abaixo ou faça seu pedido pelo telefone



FUNCIONA COM PILHAS COMUNS

Centro Franco Brasileiro de Venda Direta ao Consumidor - Rua Cardeal Arcoverde, 1557 - CEP 05407 - São Paulo - SP.

CUPOM PARA 1 ANO DE TESTE GRATUITO (satisfeito ou reembolsado)

PL / P 13

a ser enviado ao

Centro Franco Brasileiro de Venda Direta ao Consumidor (Divisão O.G.P. do Brasil)
Rua Cardeal Arcoverde, 1557 - CEP 05407 - São Paulo - SP - Tel.: (011) 815-7822

SIM, desejo experimentar, sem compromisso, seu "eliminador eletrônico de insetos". Fica entendido que devo ficar 100% entusiasmado com o "ANTI-PIC", pois caso contrário poderei devolvê-lo, no prazo máximo de 1 ano, para receber em seguida todo o meu dinheiro de volta. Isto sem discussão e sem que nenhuma pergunta me seja feita.

Sob esta garantia formal, queiram enviar-me:

..... ANTI-PIC, pelo qual estou enviando:

cheque vale postal

no valor de Cr\$ 29.980,00 + Cr\$ 2.000,00 para as despesas postais, ou seja, um total de Cr\$ 31.980,00

(10% de desconto na compra de 2 aparelhos ANTI-PIC)

Prefiro pagar ao retirá-lo no correio (reembolso postal) ao preço de Cr\$ 35.000,00 mais despesas postais.

NOME:

ENDEREÇO:

CEP: CIDADE: ESTADO:

favor preencher à máquina ou em letra de forma

Prazo de entrega: de 3 a 4 semanas

per-São Paulo. Rui, orientador, cérebro, um jogador técnico por excelência; Noronha, símbolo da vitalidade, marcador implacável e incansável; e Bauer, o gigante que sobreviveu à Copa de 1950, formavam o trio inseparável, recitado como verso de um sucesso popular da velha guarda. Rui, Bauer e Noronha, os três soberanos na majestade de seu futebol, responsáveis diretos pelos dois bicampeonatos do São Paulo daquela época — 1945 e 46 e 1948 e 49.

Ninguém jamais se esquecerá deles.

NO MEIO-CAMPO, quem poderia ganhar do magnífico Zizinho, o Mestre Ziza; ou de Waldemar de Brito; ou ainda de Pedro Rocha, considerado um dos melhores jogadores do mundo em sua posição? Os são-paulinos apontaram um nome: o do argentino Antonio Sastre, o Maestro, que chegou ao tricolor já com 32 anos e, em apenas três temporadas,



Gerson chegou maduro, mas saiu coberto de glória

FOTOS ABRIL

deixou o país para voltar ao seu, em 1946, coberto de glórias e da gratidão são-paulina.

O grande Gerson, com sua canhota infernal e perfeita visão de jogo, um dos maiores armadores do futebol brasileiro, chegou ao Morumbi também já maduro, com 28 anos. Mas trouxe uma grande glória: acabou com o jejum de 13 anos, ao

O CLUBE QUE NÃO PÁRA DE CRESCER

O patrimônio do São Paulo está avaliado hoje em mais de 600 milhões de dólares.

O Estádio Cícero Pompeu de Toledo, o Morumbi, com seus 150 000 lugares, cartão de visitas do tricolor, é o maior estádio particular do mundo e maior fonte de renda para o clube. Em 1983, por exemplo, só das taxas de aluguel nas partidas ali disputadas, o São Paulo arrecadou mais de 712 milhões de cruzeiros. Em mais de 100 contratos de publicidade e concessão feitos com as mais diversas empresas que vendem ou anunciam seus produtos no Morumbi, o tricolor arrecada mensalmente cerca de 200 milhões de cruzeiros. Da cerveja ao cachorro-quente; do sorvete ao amendoim; de tudo o que é co-

mercializado dentro do estádio sai uma porcentagem para o São Paulo. Além, é claro, dos anúncios feitos dentro do estádio.

O parque esportivo e social do São Paulo é um dos maiores da América Latina. O conjunto de piscinas do clube cobre uma área de 12 000 m² de superfície. O clube possui dois campos de futebol, seis quadras de tênis, duas de futebol de salão, duas de vôlei, uma de handebol, uma de hóquei, uma de minitênis, um campo de minigolfe e cinco ginásios cobertos, um deles com capacidade para 2 300 espectadores. Sem contar um estacionamento com sete andares para 1 500 carros.

A principal obra em andamento, prioritária para a atual

diretoria, é o Centro de Treinamento do Futebol. Localizado na Avenida dos Emissários, no bairro da Lapa, perto da Marginal do Tietê, este Centro ocupa uma área de 146 000 m², e deverá já estar totalmente concluído até o final de 1985.

Todo o departamento de futebol, profissional e amador, vai para lá. O Centro terá três campos de futebol, um campo do mesmo tamanho do gramado do Morumbi e dois com o mesmo tamanho do gramado do Pacaembu. Haverá uma arquibancada para 1 500 pessoas, vestiários, bar, estacionamento e concentração com cozinha e restaurante, e 22 apartamentos duplos com banheiro. O custo total da obra está orçado em 800 milhões de cruzeiros.



Rui, Bauer e Noronha: linha média inesquecível, responsável por dois bicampeonatos

levar o São Paulo ao bicampeonato, em 1970 e 71.

O melhor ataque são-paulino — Luisinho, Leônidas e Canhoteiro — faria inveja a qualquer seleção. Luisinho, pela direita, driblador incontível, era famoso por seus cruzamentos perfeitos, considerados "meio gol". E Canhoteiro, na esquerda, que com 20 votos bateu especialistas como Teixeira, Pardal e Zé Sérgio, foi o mais imprevisível de todos os jogadores de sua posição. Não havia zagueiro capaz de marcá-lo — e, nisso, só um atacante em todo o Brasil o vencia: Garrincha.

O GRANDE gênio desta superseleção, no entanto, foi mesmo Leônidas da Silva, o Diamante Negro, maior centroavante de toda a história do futebol brasileiro. Sua estréia no São Paulo deu-se na tarde de 24 de maio de 1942, quando 71 218 pessoas lotaram o Pacaembu (recorde de público que durou três décadas) para ver o tricolor empatar com o Corinthians por 3 x 3. Escolhido também para formar no maior Flamengo de todos os tempos, foi titular da Seleção Brasileira nas Copas do Mundo de 1934, na Itália, e 1938, na França, da qual foi artilheiro. Até hoje há quem exagere ao considerá-lo maior que Zizinho ou o próprio Pelé, o maior jogador brasileiro de todos os tempos. □



De Sordi: outro respeitado pelo amor à camisa

QUEM VOTOU

Votaram para a escolha do melhor São Paulo de todos os tempos, na edição 649 de PLACAR: *Jornalistas* — José Silveira, Paulo de Aquino, Randal Juliana, Fernando Solera, Luís Noriega, Raul Duarte, Estêvam Sangirardi, Sílvio Luís, Alberto Helena Jr. e Roberto Petri. *Jogadores e cartolas* — Jaime Franco, Gino Orlando, Hideraldo Luís Bellini, Cândido Motta Pinto de Moraes, Celso Grellet, Henri Aidar, Laudo Natel, Fernando Casal del Rey, Pérsio Rainho e Dalzel Freire Gaspar. *Torcedores* — Éder Jofre, Moraes Sarmiento, José Filinto, Murilo Antunes Alves, Elcio Carvalho de Castro, Blota Júnior, Paulo Planet Buarque, Lima Duarte, Luís d'Horta e Oswaldo de Almeida Filho.

O SÃO PAULO VERDE-AMARELO

Na segunda Copa do Mundo, em 1934, o São Paulo cedeu os seguintes jogadores: Armandinho, Luiz Luz, Luisinho, Sílvio Hoffmann e Valdemar de Brito. Na Copa de 1950, no Brasil, jogaram Bauer, Friaça, Noronha e Rui. Em

1954, Bauer e Maurinho, tendo sido inscrito o zagueiro Mauro Ramos de Oliveira. Na de 1962, no Chile, foram inscritos Belini e Jurandir; em 1966, na Inglaterra, jogaram Belini e Paraná. No tri de 1970, no México, jogou Gérson; e,

em 1974, na Alemanha, Mirandinha e Waldir Peres estava inscrito. Na Copa de 1978, na Argentina, Chicão; inscritos: Waldir Peres e Zé Sérgio. Na última Copa, na Espanha, Oscar, Serginho e Waldir Peres; inscrito: Renato.

VOCÊ PODE ESCOLHER ENTRE ÁLCOOL E GASOLINA



Ipiranga

GP Super

conteúdo 1 litro

MAS ÓLEO SÓ TEM UM

Todos os motores funcionam do mesmo jeito,
sejam a álcool ou gasolina.

Portanto, o óleo que se ve para um serve para o outro.
Diferentes são as condições de temperatura, as pistas
e o desgaste que eles enfrentam.

Ainda mais num país deste tamanho.

Ipiranga GP Super é o óleo que mais entende de Brasil.

É uma fórmula desenvolvida para rodar em
condições tipicamente brasileiras. E que conserva por
mais tempo todas as características do óleo.

A classificação SF do Ipiranga GP Super faz do seu motor
uma supermáquina.

Seja qual for o carro ou o combustível.

FÓRMULA BRASIL

PARA ÁLCOOL E GASOLINA

 **IPIRANGA**

É com ela
que você
faz o inimigo
enxergar
tudo
vermelho.

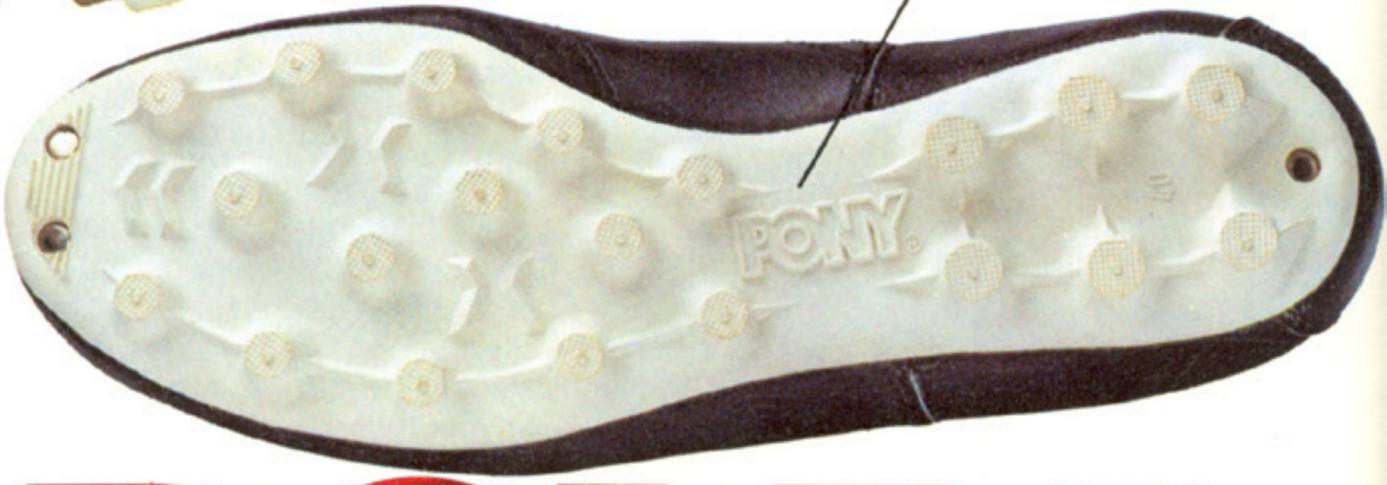
Competitor

Competitor é para quem
compete com garra de
vencedor.



O solado é de borracha
vulcanizada e rebites de
reforço. Marca PONY
gravada autenticando
o produto.

Artesanalmente construída
em vaqueta-flor integral,
superamaciadada e selecionada.
É para um profissional.
E para um amador que
joga como um profissional.



Tecnologia mundial PONY
ajudando a melhorar o
futebol no país do futebol.
PONY. Você não usa só
por esporte.

PONY®

Produzida sob licença da PONY International por
Calçados Spessoto Ltda. - Cx. Postal 89 - Franca - SP.

DIGITALIZAÇÃO, TRATAMENTO, EDIÇÃO E MONTAGEM
MICHAEL SERRA

ARQUIVO HISTÓRICO DO
SÃO PAULO FUTEBOL CLUBE
2023



ONDE A MOEDA CAI DE PÉ